

*Do General Figueira de Rosa, grande
colaborador e grande amigo,
Ofereço,
com um abraço fraternal de sa-
mardagem, estima e simpatia.*
Lisboa, 8-XII-1943

Estudos *Isidoro Duarte Santos* *Psíquicos*

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

2.º VOLUME

1942 a 1943

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

N.º 13

A Teoria Electrónica, pelo Dr. António J. Freire	1
A Verdade Surge, por Léo	5
Reflexões do Além, por Henrique Magalhães	6
Religiões, — II — por Faure da Rosa	7
Confissão, pelo Dr. Alfredo Mota	11
Gustave Geley — uma capacidade —, pelo Dr. Luis M. di Cristóforo	12
O Problema da Morte — III — pelo Dr. Elviro Martins	14
Ecos da Imprensa Espirita	17
Pela Vitória do Espírito — III — pelo Dr. Fred	18
Bibliografia, por I. D. S.	22
O Sexto Sentido, por Manuel Tavares	23
Notas & Comentários	24
Por esse mundo... ..	26
Crónica Estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	27
Noticiário	31

N.º 14

Os Fenómenos do Espiritismo (I), por Isidoro Duarte Santos	33
O Poder Mental (I), pelo Dr. António J. Freire	39
Sem Religião?, por Léo	43
Religiões (IV), por Faure da Rosa	45
Pela Vitória do Espírito (IV), pelo Dr. Fred	50
A Nossa Prédica, pelo Dr. Luis M. di Cristóforo	54
O Evangelho do Cristo (I), por Fernando da Cruz Ferreira	55
Dr. Alfredo Mota	57
D. Frei Bartolomeu dos Mártires, por J. A. Costa	57
Bibliografia, pelo Dr. Elviro Martins	58
Notas & Comentários	60
Crónica Estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	61
Por esse mundo... ..	62
Noticiário	63

Pág.

N.º 15

O Poder Mental (II), pelo Dr. António J. Freire	65
Uma História de Macacos, por Faure da Rosa	69
Que estará para acontecer?, por Léo	71
A Reencarnação (I), pelo Dr. Elviro Martins	72
Pela Vitória do Espírito (V), pelo Dr. Fred	76
Os factos entre nós	81
O Evangelho do Cristo (II), por Fernando da Cruz Ferreira	82
Bibliografia, por I. D. S. e S. E. M.	85
Notas & Comentários	87
Marco Postal	88
Crónica Estrangeira, por Isidoro D. Santos	89
Por esse mundo... ..	94
Noticiário	95

N.º 16

Diversões dum crítico — A propósito duma Conferência — por Isidoro Duarte Santos	97
Influência do Naturismo no Espírito (I), por Faure da Rosa	103
A Reencarnação (II), pelo Dr. Elviro Martins	105
Espiritualismo, por Léo	109
O Evangelho do Cristo (III), por Fernando da Cruz Ferreira	111
Uma Conferência, por Faure da Rosa	112
Pela Vitória do Espírito (VI), pelo Dr. Fred	114
Do Alto — Exortação e Aviso, por Reper-Siam	117
Espiritismo e Teosofia (I), por Haydi de Tebelen	119
Os factos entre nós — Uma cura interessante	121
Bibliografia, por Isidoro Duarte Santos	122
Crónica Estrangeira, por Isidoro D. Santos	123
Noticiário	124

N.º 17

O Neo-espiritualismo na sua marcha e elevação cristã, por Adolfo Ramires	129
A Reencarnação (III), pelo Dr. Elviro Martins	134

	Pág.
A Campanha das «Novidades» contra o Es- piritismo	138
O Evangelho do Cristo (IV), por <i>Fernando da Cruz Ferreira</i>	144
A Conferência de Faure da Rosa no Cinema Condes	145
Espiritismo para Homens, pelo <i>Dr. Luis M. di Cristóforo</i>	148
Novas Exortações, por <i>Reper-Siem</i>	150
Carta aos Confrades de Lisboa, por <i>H. Ma- galhães</i>	152
Espiritismo e Teosofia (II), por <i>Haydi de Tebelen</i>	153
Notas & Comentários	155
Crônica Estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	156
Por esse mundo... ..	158
Noticiário	159

N.º 18

Espiritualidade. Influências diversas do sen- timento, por <i>De Veritas</i>	161
Influência do Naturalismo no Espírito (II), por <i>Faure da Rosa</i>	167
Espiritismo, por <i>F. Noronha</i>	169
Fale Vitória do Espírito (VII), pelo <i>Dr. Fred</i> <i>Vantagens e Inconvenientes das sessões Es- piritas, por José G. Losa</i>	171
O Evangelho do Cristo (V), por <i>Fernando da Cruz Ferreira</i>	176
Espiritismo e Teosofia (III), por <i>Haydi de Tebelen</i>	179
Bibliografia, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	181
Oração, por <i>Um Estudante do Evangelho</i> <i>Crônica Estrangeira, por Isidoro Duarte Santos</i>	183
Notas & Comentários	184
Por esse mundo... ..	188
Noticiário	190

N.º 19

O Dr. Alexis Carrel e os Fenômenos Supra- normais (I), por <i>Faure da Rosa</i>	193
Místicos da Natureza. A Espiritualidade acima da Ciência, por <i>De Veritas</i>	199
As Escrituras Sagradas atestam a Mediuni- dade e os Fenômenos Espiritas, pelo <i>Dr. A. D. Pratas</i>	205
O Sono da Morte, por <i>F. Noronha</i>	210
Espiritismo e Teosofia (IV), por <i>Haydi de Tebelen</i>	213
Crônica Estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	215
Notas & Comentários	219
Senhor! Senhor!, por <i>Maria Veleda</i>	220
Por esse mundo... ..	221
Noticiário	223

N.º 20

Ciência e Verdade, por <i>F. Noronha</i>	225
«Estudos Psíquicos» e os leitores	230
O Dr. Alexis Carrel e os Fenômenos Supra- normais (II), por <i>Faure da Rosa</i>	231
O Espiritismo na Bíblia (I), por <i>Isidoro</i>	

	Pág.
<i>Duarte Santos</i>	234
O Espiritismo Emancipador da Mulher (I), por <i>Haydi de Tebelen</i>	239
O Evangelho do Cristo (VI), por <i>Fernando da Cruz Ferreira</i>	242
Missionários, por <i>Léo</i>	244
Amigos de «Estudos Psíquicos»	245
Crônica Estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	246
Uma carta do Major Zuzarte	251
Notas & Comentários	252
Por esse mundo... ..	254
Noticiário	255

N.º 21

A Nossa Posição	257
O Dr. Alexis Carrel e os Fenômenos Supra- normais (III), por <i>Faure da Rosa</i>	259
O Espiritismo na Bíblia (II), por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	261
A Lição do Leiteiro, por <i>Romeu A. Camargo</i> <i>Figuras que partem. A desencarnação de Léo</i>	265
O Espiritismo Emancipador da Mulher (II), por <i>Haydi de Tebelen</i>	266
Do Alto — O que está para acontecer, por <i>Um Desconhecido</i>	267
A Paz Espiritual, por <i>Angelo da Costa Cabral</i> <i>Maria Emília de Carvalho Gonçalves, por Maria Veleda</i>	270
Estudo Acerca da Vidência, por <i>Hector Ca- talán</i>	271
Amigos de «Estudos Psíquicos»	274
Budha e as Vidas Sucessivas, por <i>J. A. Costa</i> <i>Bibliografia, por Isidoro Duarte Santos</i>	275
Crônica Estrangeira, por <i>Isidoro Duarte San- tos</i>	277
Notas & Comentários	278
Por esse mundo... ..	279
Noticiário	280

N.º 22

Um Passo em Frente	289
Alegria de Viver (I), por <i>Faure da Rosa</i> <i>«A Luz Deve Sempre Progredir», por F. No- ronha</i>	291
A Boa Propaganda — Faure da Rosa Real- izou no Porto Uma Conferência Acerca da Reencarnação	295
Extraordinária Identificação	298
O Evangelho do Cristo (VII), por <i>Fernando da Cruz Ferreira</i>	299
O Espiritismo na Bíblia (III), por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	303
Figuras que Partem — General Cabral de Quadros	305
O Espiritismo Emancipador da Mulher (III), por <i>Haydi de Tebelen</i>	310
Bibliografia, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	311
Crônica Estrangeira, por <i>Isidoro Duarte San- tos</i>	313
Notas & Comentários	314
Por esse mundo... ..	317
Noticiário	318

N.º 23

«Atribulações de Esperidião», por Maria Velleda	
A Fraude no Espiritismo, por Leopoldo Machado	
Alegria de Viver (II), por Faure da Rosa	
Os Vivos Vistos Pelos Mortos, por M. Maeterlink	
Saber, Conhecer, por F. Noronha	
O Espiritismo Emancipador da Mulher (IV), por Haydi de Tebelen	
Hans Anderson descreve a sua desencarnação. A História do Grande Rei	
Surge et Ambula, por Amadeu Santos	
Estudos Filosóficos — A Existência da Alma, por Álvaro Ramos Pereira	
As Três Idéias da Imortalidade, pelo Dr. Luís M. di Cristóforo	
A Verdade, por M. Maeterlink	
Ecos da Imprensa Espirita	
Bibliografia, por Isidoro Duarte Santos	
Crônica Estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	
Notas & Comentários	

Pág.

Por êsse mundo...	351
Noticiário	352

N.º 24

321 Rádio Piratininga foi encerrada?	353
Alegria de Viver (III), por Faure da Rosa...	356
323 O Espiritismo emancipador da mulher (V), por Haydi de Tebelen	358
325 Do Alto — Caminho a seguir, Reper-Siam...	362
329 O Espiritismo conduz à loucura?, por F. Noronha	363
331 Estudos filosóficos — Natureza da alma, por Alvaro Ramos Pereira	366
333 O futuro da ciência, por «sir» Oliver Lodge	368
336 O Evangelho do Cristo (VIII), por Fernando da Cruz Ferreira	370
338 Ide e pregal o Evangelho, por Henrique Magalhães	372
339 Dr. Gustave Geley	373
340 O verdadeiro amigo (lenda árabe)	373
342 Solidariedade social, por Pedro Cardia	374
343 Bibliografia, por Isidoro Duarte Santos	377
344 Crônica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	378
345 Por êsse mundo...	383
349 Noticiário	384

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e neo-espiritualismo experimental

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 3.º

LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1941

N.º 13

A TEORIA ELECTRÓNICA

(ASPECTOS GENÉRICOS)

pelo dr. António J. Freire

A doutrina transformista, sistematizada no século passado, revolucionou a biologia, introduzindo-lhe dois novos conceitos: a unidade de vida e a evolução ancestral das espécies zoológicas. O evolucionismo é um dos conceitos mais fecundos e generalizadores do pensamento contemporâneo.

A doutrina electrónica, sistematizada no século actual, revolucionou as ciências físico-químicas, desmoronando as colunas basilares da sua construção atomística, dois princípios considerados intangíveis como dogmas: a lei da conservação da matéria, de Lavoisier, e a lei da conservação da energia, de Meyer.

A teoria electrónica impõe novos conceitos às ciências físico-químicas, remodelando-as em novos princípios: a **radioactividade**, a **unidade da matéria**, a **evolução da matéria**, a **desintegração do complexo atómico**.

O evolucionismo abrange, pois, não só os reinos orgânicos, mas ainda o reino inorgânico, isto é, todos os reinos da Natureza, todo o Universo. A evolução, assim genera-

lizada na sua máxima amplitude, transforma-se num maravilhoso instrumento para o estudo e melhor compreensão da dualidade: Espírito-matéria, Vida-forma, paralelos e independentes nos seus níveis evolutivos.

A matéria nasce por condensação do éter; vive da energia do éter; dissocia-se e desmaterializa-se, regressando ao éter primordial.

O éter é o «protoplasma da matéria», **involutionando** num arco descendente por «vortex» turbilhonares até se crucificar na matéria desde a primitiva rebulosa; **evolutionando** num arco ascendente por radioactividade a fim de recuperar a sua origem supra-terrestre.

A matéria, como os mundos, — nascem, vivem e morrem — no éter infinito e eterno, para, como a Fénix, renascerem de novo mais e mais fortes e vigorosos, numa maior acumulação de experiências, vividas e intuitivamente sentidas, numa ascensão incoercível e infinda para o Foco original, em ciclos intermitentes de vida e de repouso, palingenésicos, no infinito do espaço e do tempo (manvantaras alternando com pra-

laías, através de períodos multi-milenares) ⁽¹⁾.

Matéria, força, energia, termos irreduzíveis, constituindo dois mundos nitidamente separados perante a ciência do século passado, têm actualmente o mesmo significado e origem expressos no conceito do éter cósmico. A matéria traduz-se, em última análise, em energia condensada, em estado potencial, que, pela sua desintegração, dá lugar à energia dinamizada, libertando as forças activas que movimentam, fecundam e dirigem o Universo.

O átomo é um sistema solar em miniatura, com o seu núcleo positivo e os seus electrões negativos, animados nas suas órbitas elípticas de velocidade vertiginosa da ordem da luz. O multimilenário aforismo de Hermes Trimegista, (Tábua da Esmeralda) tem actualmente a consagração da ciência: **«O que existe em baixo (na terra) é como o que existe no alto (nos céus) para fazer os milagres duma só coisa. E como todas as coisas são provenientes do Um, assim todas as coisas são nascidas do Universo por adaptação»**.

Os alquimistas e os filósofos hermetistas da época medieval, proclamando o panvitalismo (hilozoísmo) e a unidade da matéria através das suas transmutações dos elementos químicos (pedra filosofal), estão agora reabilitados dos sarcasmos com que a ciência, precipitada e irreflectidamente, os tem ridicularizado há séculos.

À medida que a ciência avança no domínio dos fluidos, das radiações e das vibrações, vai redescobrimo o que já era do conhecimento da Sabedoria Antiga, aproximando-se dos mundos supra-terrestres: astral e espirituais. Logo que o Espiritismo esteja integrado no estudo da ciência oficial — o que será apenas questão de tempo — o triunfo do Espírito sobre a matéria será definitivo e completo, abrindo um novo ciclo na evolução espiritual da humanidade. O egoísmo será vencido pela solidariedade e altruísmo. A Humanidade conquistará o seu devido lugar na hierarquia do Divino Plano da Criação.

* * *

A concepção electrónica foi obtida pelo concurso dos mais notáveis físicos contemporâneos: J. Thomson (Lord Kelvin), os Curies, Rutherford, Oliver Lodge, Becquerel, G. Lebon, etc.

Ao lado destes eminentes cientistas, destaca-se, a justo título, o sábio W. Crookes. Crookes foi precursor da remodelação das ciências físico-químicas com os seus notabilíssimos trabalhos de física molecular no vácuo sobre gases rarefeitos (tubo ou ampola de Crookes), descobrindo os «raios catódicos», constituídos por descargas de «electrões», correspondendo a grãos ou crepúsculos de essência e de natureza eléctrica, animados de velocidades de 1/10 a 3/10 da ordem da luz (300.000 quilómetros por segundo). Por repetidas experiências de técnica delicada e complexa em que também tomaram parte os notáveis físicos: Villard, Lorentz, Sody, Perrin, etc., ficou demonstrada a homogeneidade dos electrões, sendo da mesma natureza eléctrica para todos os elementos químicos, diferindo, de corpo para corpo, no seu número, velocidade e na orientação do seu movimento orbitário.

W. Crookes descobriu, assim, um quarto estado da matéria — a **matéria radiante** — expressa na radioactividade, quando até à sua memorável descoberta apenas existiam os três estados clássicos — sólido, líquido e gasoso.

Crookes, baseado na homogeneidade dos electrões, foi levado à **unidade da matéria**, provindo daí o **protílo** como o tipo primordial, o ancestral donde se originou por descendências e combinações milenárias toda a matéria física planetária nas suas múltiplas modalidades e poliformismo.

Assim foi descoberta a unidade e evolução da matéria inorgânica e a radioactividade como sua propriedade geral, de intensidade variável, atingindo a sua maior acuidade no urânio e tório e muito mais acentuada no rádio (Curies, Becquerel, etc.).

Crookes, descobrindo os «raios catódicos», deu implicitamente uma base firme para importantes descobertas de outros físicos, entre as quais merece especial relevo a dos «raios X», devida a Roentgen e que, atravessando os corpos sólidos e opacos, veio prestar relevantes serviços à medicina na sua dupla aplicação: a radioscopia e a radiografia ⁽²⁾.

(1) C. Jinarajadasa — *L'Évolution Occulte de l'Humanité* — trad. franc., Paris, 1923.

(2) W. Crookes, falecido em 1910, foi uma das mais vigorosas e fecundas mentalidades contemporâneas. As suas memoráveis descobertas em astronomia e nas ciências físico-químicas ficaram célebres. Descobriu o electrosκόpio, o espectroscópio, o

Desde Lavoisier, o patriarca da química moderna, o átomo era considerado o último termo da matéria, a unidade química por excelência, indesejável, indestrutível, eterna, diferindo na sua natureza, de corpo para corpo simples, consideradas como espécie distinta e definida em todas as arquiteturas moleculares.

Fôrça e matéria eram dois termos irreduzíveis, distintos, de essência diversa, aliados no trabalho mecânico, mas sempre autónomos na sua natureza e funções.

A energia era apenas um «modo», uma «qualidade», mais ou menos abstrata na sua essência íntima como a electricidade.

O mundo físico era formado por dois mundos profundamente separados pela irreduzibilidade das suas propriedades, irreversíveis na sua natureza íntima: o mundo da matéria — o ferro, o carbone, o cobre, a prata, a platina, etc.; o mundo da energia — o calor, a electricidade, a luz, o magnetismo telúrico, etc. A dualidade deste imponente edificio era travejada nas duas leis supremas, dogmáticas: as leis da conservação da matéria e da energia.

Os raios catódicos de Crookes fizeram oscilar os alicerces desta construção científica, demonstrando experimentalmente que a energia e a matéria eram termos, não irreduzíveis, mas indissoluvelmente ligados na mesma origem, na intimidade da sua essência homogênea, na mesma comunidade da sua natureza intrínseca, através da sua dualidade de condensação etérica e desintegração dos respectivos electrões, em última análise, meras expressões crepusculares eléctricas, modalidades, para o nosso planeta, do protilo ancestral.

A electricidade, a luz, o calor, enfim, todas as variedades de energia, não são simples «qualidades», mais ou menos abstratas e imateriais como se supunha, mas realidades substanciais, materiais, susceptíveis de peso e medida por artifícios de técnica científica extremamente complexos para os não iniciados nos laboratórios físico-químicos. Todas as modalidades da energia são resultantes de desequilíbrios electrónicos na arquitectura atómica com a consecutiva emissão e projecção dos electrões de quantidade e direcções variadas, através de ondas vibratórias de comprimento e velocidade próprios a cada modalidade de energia.

Assim como Haeckel, animado duma intuição genial, ainda que desvirtuada pelo seu agnosticismo, pretendeu determinar a «unidade de vida» — tão necessária à construção do seu sistema monista, orientado num panteísmo materialista — idealizando a sua decantada «monera», ainda que em bases fragmentárias e insubsistentes, — Crookes, não é demais repetir, estabeleceu em bases sólidas a unidade da matéria e da energia no seu «protilo», elemento primordial de condensação do éter para o nosso mundo físico, patriarca ancestral de toda a geração dos corpos químicos. Crookes, descobrindo o quarto estado da matéria — «a matéria radiante» — abriu uma larga e luminosa avenida para que a ciência avance para o mundo astral onde já melhor poderá compreender o sentido da Vida no seu significado espiritualista.

* * *

Para Lord Kelvin, um dos maiores físicos da actualidade, a matéria provém dos movimentos turbilhonares do éter espacial, criando, em certos pontos, centros de condensação.

fotómetro de polarização, o radiómetro, o microscópio, etc.

A óptica fica-lhe devendo a solução de alguns dos problemas mais complexos do mecanismo, natureza e velocidade da luz.

O Espiritismo deve-lhe também assinalados e inolvidáveis serviços.

W. Crookes inicia a fase científica do Espiritismo com as suas célebres experiências, realizadas, de 1870 a 1874, com os médiuns Douglas Home, Kate Fox e Florence Cook, tendo obtido a materialização completa, integral, dum espírito falecido numa recuada época, Katie King, que Crookes estudou durante três anos consecutivos, em colaboração com outros sábios ingleses, facto que teve uma repercussão mundial.

Crookes observou e experimentou várias categorias de fenómenos espiritas e anímicos de ordem objectiva ou física. Em todas as suas experiências seguiu um método rigorosamente científico, inventando e adaptando variados aparelhos registadores.

A severidade do controlo e o espírito crítico que presidiram a estas experiências, aliados à situação culminante de Crookes no mundo científico, muito concorreram para que o Espiritismo tomasse grande expansão nos meios cultos da Europa e da América, despertando interesse por parte de alguns sábios anglo-saxões, mais libertos do que os latinos de preconceitos de escola e do misonheísmo.

W. Crookes — *Recherches sur les Phénomènes du Spiritualisme*, trad. franc., Paris, s. d.

Engenheiro G. Delanne — *Les Apparitions Materialisées des Vivants et des Morts* — 2 vols. in 8.º, Paris, 1911.

ção de energia, animados de movimentos rotatórios.

Gustave Lebon, um dos mais hábeis investigadores da radioactividade e que melhor tem estudado a energia electrónica, designa-a «energia intratômica» ⁽¹⁾. Esta energia, trazendo em potencial as forças cósmicas mais potentes, produz pelo seu arranjo e dinamização as múltiplas e variadas formas da matéria e da energia.

À clássica concepção da inércia e da indestrutibilidade da matéria dos químicos do século passado opõem-se os modernos conceitos: actividade permanente da matéria pela radioactividade, expressa na energia intratômica; vida e evolução da matéria, abrangendo todos os corpos da Natureza, manifestando-se no seu máximo de intensidade nos corpos radioactivos, particularmente, no rádio.

Segundo G. Lebon, um dos princípios fundamentais da química do século passado — «nada se cria; nada se perde» — deve ser substituído na actualidade por um novo princípio de significado oposto, assim expresso: «só a vida produz a vida; tudo é criado, tudo se transforma numa evolução contínua e eterna».

Dentro da intimidade dos seus átomos, a matéria é um poderoso laboratório dispondo duma força colossal, duma actividade contínua e intensa, ainda que detentora duma sensibilidade extrema e delicada, reagindo à menor influência como demonstrou o prof. Bose por uma série de engenhosas experiências de reacção eléctrica para a «fadiga dos metais» e acção dos excitantes e tóxicos sobre substâncias metálicas («histeresia magnética») etc.

São instrutivos e duma clareza sintética alguns dos pensamentos de G. Lebon (**Hier et Demain — Pensées brèves** — Paris, 1925):

«A ciência é tão segura quando se limita ao domínio dos factos, quanto incerta na sua interpretação. A matéria e a força, que pareciam, tempos atrás, constituir dois mundos separados, appareceu hoje como formas diferentes duma mesma coisa. A matéria que era considerada como um elemento inerte, imagem do repouso, só subsiste devido à imensa rapidez do movimento turbilhonar dos átomos que a compõem. A matéria é velocidade, e não repouso. Sob a sua aparente imobildade, a matéria mais estável, por exemplo: um bloco de mármore, possui uma vida intensa e uma impressionabilidade extrema, facilmente reveladas por certos instrumentos, tais como o balómetro. As novas experiências sobre a variação da massa com a sua velocidade, sobre a identidade da maté-

ria e da força, sobre a radiação da energia por elementos de grandeza variável denominadas — **quanta** — e por conseguinte sobre a substituição do descontínuo ao contínuo nos fenómenos, é suficiente para demonstrar a fraca solidez dos princípios científicos considerados até agora como inabaláveis. A mais colossal destas forças, a energia intratômica, (por mim descoberta), era tão desconhecida há alguns anos, como foi a electricidade durante longos séculos. Um minúsculo fragmento de metal contém uma quantidade imensa de energia intratômica. No dia em que a ciência consiga desagregar inteiramente os átomos dum corpo, terá entre as mãos uma origem colossal de energia que tornará inútil o emprêgo da hulha, transformando completamente as condições da nossa existência».

Segundo as experiências de Lebon, confirmadas por outros sábios investigadores, a quantidade de corpúsculos emitidos pelos elementos nímicos é variável de corpo para corpo. Para um grama de urânio ou de tório é de 70.000 por segundo, attingindo no rádio a elevada cifra de 100.000 triliões.

Um grama de cobre, desde que fôsse susceptível de ser desmaterializado instantaneamente, produziria uma energia equivalente a sete biliões de cavalos-vapor, força suficiente para fazer percorrer um comboio de mercadorias quatro vezes em volta da terra.

A ciência, por enquanto, só consegue dissociar quantidades mínimas de matéria — milésimas de miligrama —; mas, se pudesse obter a desmaterialização de alguns quilogramas, captando e orientando a respectiva energia intratômica, a força assim obtida seria incomparavelmente superior à de todas as minas de carvão existentes.

No dia em que a ciência solucione este magno problema, a vida planetária no ponto de vista material, transformar-se-á num éden paradisíaco pela facilidade, abundância e barateza da força-motriz.

(1) G. Le Bon — **L'Évolution de la Matière**, Paris. Idem — **L'Évolution des Forces**, Paris.

Ibidem — **La naissance et l'évanouissement de la matière** (Mercure de France, 1908).

As manifestações telepáticas dos moribundos, a transmissão do pensamento, a acção psíquica dum ser humano sobre outro, à distância, e a previsão do futuro, em sonho e em estado sonambúlico, constituem, para mim, *factos positivos*. Parece-me lógico iniciar por aí a minha investigação do mundo invisível.

Camille Flammarion (L'Inconnu)

A VERDADE SURGE

por Léo

Chegava-me às mãos uma colecção de Estudos Psíquicos, que eu já ouvira elogiar, mas que não conhecia. No n.º 10 vi uma comunicação do senhor Eduardo de Pinho das Neves, chefe do Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, que me feriu a atenção. Logo me pareceu o caso digno do interesse daqueles que lutam pelo desenvolvimento dos fenómenos espiritas, neles procurando a confirmação dessa Verdade que é a natural amiação das nossas almas.

Sempre fui de opinião que só indo ao encontro dos factos, onde quer que eles se assinalassem, poderíamos chegar a obter alguma coisa com o desenvolvimento que é já corrente lá por fora, e de que nós, em Portugal, tão longe andamos ainda.

Assim, resolvi prontamente ir a Aveiro, verificar, eu própria, até que ponto a ciência nos garantia a autenticidade daquelas já tão sedutoras promessas. Escrevi, pedindo licença para ir assistir a algumas das sessões. Logo me foi concedida essa autorização, com todas as facilidades, para que o meu desejo fôsse plenamente satisfeito.

Cheguei a Aveiro com tenção de me demorar dois ou três dias; estive lá toda uma semana. E confesso que não senti passar o tempo. De tal modo me interessou o que encontrei, que o meu espírito aí se absorveu inteiramente. Todavia, deparou-se-me um trabalho revestido da mais completa simplicidade, como também da mais translúcida, pura e convincente sinceridade.

Tôda a ciência exige rigoroso exame — esta, talvez mais ainda do que qualquer outra — mas também é certo que a simplicidade de processos facilita grandemente as comunicações e que por vezes a dúvida e o rigor das exigências de contrôlo prejudicam muito, ou completamente, a realização dos fenómenos. Com isto, de modo algum quero dizer que as possamos dispensar, — na nossa existência nada de proveitoso se obtém, que não seja à custa de longo e paciente trabalho — e se elas podem ser prejudiciais e retardam por vezes o bom resultado das provas que dese-

jamos, por outro lado, são absolutamente indispensáveis e é com justa razão que as devemos exigir.

O grupo Paz e Caridade, de Aveiro, sob a direcção do Snr. Eduardo de Pinho das Neves, que é ao mesmo tempo o seu primeiro médium, vai progredindo de maneira consoladora. Se não me engano, o seu chefe nunca assistiu a qualquer trabalho no género. Tem lido, e o seu «instinto» foi-o guiando. Talvez por essa razão, a sua técnica surpreendeu-me, de começo, emquanto a não compreendi. Dada a explicação, apreciei logo — tenho particular antipatia pelo vulgar, por tudo que é copiado — a originalidade de processos, porque também logo surpreendi a sinceridade de que ele era animado. Um homem sério, tendo levado toda a sua vida sob um perfeito rigor moral, soube suportar os revezes que de repente o assaltaram, sem terror, com a resignação e até a bonomia dum verdadeiro crente. Os altos espíritos teriam encontrado nele terreno apropriadamente aperfeiçoado para os seus trabalhos de propaganda espirita e de curas psíquicas.

Eu, o que aqui quero dizer, em reconhecimento do que me foi concedido, é que tenho provas do valor espiritual desses trabalhos, de modo a não me ser permitido duvidar deles. Por mais rebeldes que fôsem as minhas dúvidas, os meus preconceitos de exigências de contrôlo nas provas científicas, forçoso me foi aceitar a sua simplicidade, e crer.

O grupo é composto de trabalhadores dos mais humildes, como trabalhador humilde tem sido o seu chefe, mas a ânsia de Verdade, a necessidade de aperfeiçoamento espiritual, a leitura de livros são e a sua natural delicadeza, fazem dele uma pessoa de convívio agradável e são, donde transborda a sua sinceridade e o seu espírito de justiça, calmo, doce, resignado, que lhe dá certa superioridade. De resto, todos os componentes do grupo, desde o seu filho, o médium Garibaldi, — dupla mediunidade, de incorporação e de escrita semi-automática — como todos os ou-

tros, se me apresentaram com a compostura e correcção de pessoas conscientes dos seus deveres.

Foi a primeira vez na minha vida que me encontrei, socialmente, com o povo. Devo confessar — e é com prazer que faço em público esta confissão — que sempre impressionou exageradamente a minha sensibilidade qualquer contacto com pessoas dum meio diferente do meu, cujos hábitos de sociedade, ou antes a falta d'elles, me chocava, a ponto de me martirizar. Crente, estimando a humanidade em geral, principalmente a sofredora, não me era no entanto possível vencer essa espécie de repugnância, mais forte do que eu. Não se tratava de preocupações tólas sobre categorias sociais, para mim; tudo era a boa educação, arrepiando-me a falta de hábitos de bem-viver, de «savoir-faire».

Pois eu sabia que em Aveiro ia entrar em comunicação com gente do povo, e foi cheia de interesse e boa vontade que fui de encontro a elles. Rodeada pelo povo, senti-me bem, senti-me feliz, enlevada no interesse que me despertam estes estudos, ao contrário do doloroso enfiado que causa em mim a vida de sociedade, a vida banal. Recebi, pois, uma lição que não quero esquecer. E é aqui que mais uma vez agradeço ao grupo Paz e Caridade de Aveiro — de que, com muita honra por me unir espiritualmente aos seus humildes componentes, me fiz sócia — o delicado e bondoso acolhimento que me dispensaram, em especial ao seu chefe e a seu filho Garibaldi, aquêles que eu melhor conheci e que mais se incomodaram comigo.

No meu coração ficou gravada a cidade de Aveiro, que além da beleza natural que lhe dá a sua ria, os seus canais venezianos, a sua costa de mar revólto, num delicioso contraste ao lado dessa ria serenissima, as suas extensas salinas, duma brancura e pureza como eu não vira ainda, o seu aeródromo de S. Jacinto, o seu museu, as suas igrejas, tudo que constitui o seu património natural e artistico, até a bela «silhouette» de José Estêvão Coelho de Magalhães, numa estátua de esplêndido recorte, em que essa figura de orador é duma elegância masculina impressionante, tudo que os meus olhos viram e o meu espirito apreendeu, tudo ficou gravado em mim.

Bendito seja Aveiro!

O senhor Eduardo de Pinho das Neves pediu-me que fôsse portadora dum pedaço da alma do grupo Paz e Caridade, para o

Reflexões do Além

(Mediúnico)

por Henrique Magalhães

Sede sempre os fieis depositários dos ensinamentos de Jesus.

Sede cumpridores dos vossos deveres. Quem assim procede, jamais terá de arrepender-se.

«Ai de vós, que lêdes as escrituras nas sinagogas, e depois despojais as viúvas». Palavras de Jesus aos fariseus. — Reflecti nesta advertência, e faizei o possível para que ela não vos atinja.

Procura em ti a causa das tuas provações.

Se fôrdes acoimados injustamente, não revideis. O silêncio é a vossa maior defesa.

O bom samaritano curou as feridas daquêles que estava caído na estrada. Procurai vós outros seguir-lhe o exemplo, curando todos os que vos surjam no caminho, quer doentes morais, quer doentes fisicos.

Sede sinceros em todos os vossos actos.

Não procureis acumular o que a terra destrói. Os bens perecíveis levam-vos, muitas vezes, aos maiores erros.

Seja o vosso proceder de acôrdo com o que manda a vossa consciência. Esta, jamais vos engana.

Sede sempre benignos e mansos de coração. A mansidão é, por sua natureza, o grande veículo que vos leva a ser cordatos.

Centro Luz e Amor o repartir com todos os espiritas de Lisboa. Este pedido foi-me depois repetido, textualmente, pelo guia do Grupo. Aqui me desligo da incumbência.

Nota da redacção—Já depois de composto este artigo, tivemos conhecimento de que alguns elementos do grupo espirita Paz e Caridade, de Aveiro, entre os quais o seu director, sr. Eduardo de Pinho das Neves e seu filho Garibaldi, fundaram um novo grupo curador, intitulado «Grupo Espirita Humildade», cuja sede é na Rua João Mendonça, 5.

Na secção Noticiário, referimo-nos à constituição do novo grupo, indicando os nomes dos seus componentes.

RELIGIÕES

S/out/41

pelo Coronel Faure da Rosa

II

Budismo

BUDA foi o grande reformador da idéia religiosa entre os orientais. Buda significa *sábio, iluminado*. Presume-se que ele tivesse nascido seis séculos antes do Cristo. O seu nome de família era Sidarta Gotama. Também era conhecido por «Sakiamuni», palavra que quer dizer «Sábio da casa dos Sábios».

A doutrina de Buda é de bondade e de generosidade: «Não é com ódio, mas sim com amor que se apazigua o ódio» — pregava ele constantemente.

Em mais dum passo da sua doutrina — escreve Adeodato Barreto ⁽¹⁾ — Buda nega a existência dum deus pessoal e providente... Não obstante esse ateísmo filosófico da primitiva doutrina budista, esta evoluiu para uma religião deísta e até idólatra, tendo o próprio Buda sido erigido em Deus.

O Karma, ou lei de causa e efeito, é uma lei de justiça inexorável. As nossas boas ou más acções seguem-nos como uma sombra.

Assim como o balanço entre o *Deve* e o *Haver* produz aumento ou diminuição de *património social*, assim do balanço entre as boas e as más acções de uma vida inteira resulta aumento ou diminuição de «dharma», um «dharma» mais ou menos pesado, isto é, a missão que cada um deve cumprir em vida futura para resgate de faltas passadas. O «Dharma» ou «Dhamma» vem a ser a «Lei do Dever», quer dizer, o mínimo de impiedade e o máximo de boas acções, de misericórdia, de generosidade, de verdade e pureza.

É o espírito que, por si mesmo, escolhe a forma corpórea para cumprir o «dharma» que mereceu na existência anterior.

Mais: o homem deve não só cumprir o seu «dharma», mas também ajudar os outros a cumprirem o que lhes coube.

No seu período de expansão, o Budismo adquiriu formas novas, tendo-se convertido, a sua antiga metafísica, abstracta e intelec-

tualista, numa religião popular em que as crenças e os deuses primitivos se amalgamaram estreitamente com os novos princípios. O próprio Buda, de filósofo e moralista agnóstico, foi transformado num deus salvador do género humano.

Tôda a sua doutrinação instigava ao despredimento dos desejos, à vida singela e pura. Nada de cada um louvar a sua própria religião, depreciando sem motivo as religiões alheias. O dever do homem justo é respeitar e honrar tôdas as religiões em tôda a parte.

A finalidade é alcançar o Nirvana (a Bem-aventurança), e para o alcançar é forçoso seguir o «Caminho do Meio» isto é, o caminho das oito ramificações que compreende: fé pura, vontade pura, linguagem pura, acção pura, meios de existência puros, aplicação pura, memória pura, meditação pura. «É este, ó monges» — dizia Buda — o «Caminho do Meio, que o Perfeito descobriu, que desanuviava a vista e o espírito, que conduz ao repouso, à ciência, à Iluminação, ao Nirvana» ⁽²⁾.

«Só a concórdia é boa — explicava Açoka, o grande apóstolo do Budismo — e eu entendo por tal que nós devemos ouvir e ter prazer em ouvir das crenças uns dos outros...»

A acção de Açoka foi tão generosa e humanitária que lhe deram o nome de «Dharmaçoka Piyadaci», que significa «aquele que quer o bem de todos».

O Budismo atraía as consciências pela magia da sua doutrina. Não a recomendava a «espada», nem a impunha o impulso vigoroso de um *braço secular*.

Buda deseja ir para Benares e ali *fazer girar livremente a roda da lei* (da doutrina), *tocar o tambor da imortalidade neste mundo de cegos*. A libertação da morte fôra encontrada: o Iluminado (Buda) escapa das ma-

⁽¹⁾ Civilização Hindu

⁽²⁾ H. Oldenberg: *Le Bouddha*.

lhas da morte desde que consiga fugir à rede das dependências. Tudo que é mortal fica debaixo dele e tudo que é imortal está na sua posse. Pela primeira vez um homem se tornou perfeito vidente, perfeito espírito ⁽¹⁾.

Reis e príncipes prestavam homenagem a Buda. Aquêles que pretendesse seguir, com firmeza, a sua doutrina, tinha que se fazer monge, cortar o cabelo e a barba; vestir o hábito amarelo, fazer voto de castidade e dedicar a vida inteira à autolibertação. Não havia, porém, votos perpétuos. Em qualquer altura, os monges podiam abandonar a vida monástica, — que a base fundamental da doutrina budista era a liberdade pessoal.

Houve uma seita concorrente, a dos Jinas (os vencedores) que se entregavam às mais fantásticas extravagâncias: andavam quasi sempre nus (diziam eles que as suas vestes eram o próprio espaço), faziam a apologia das macerações e das curas pela fome e pretendiam ser radicais em tudo.

Até na comunidade de Buda havia adeptos da doutrina dos Jinas e, entre eles, seu próprio filho e uns primos seus. Um destes, Devadata, conspira contra o Mestre, exige que sejam estabelecidas leis que não permitiam aos monges aceitar quaisquer convites, que os obriguem a viver na floresta, a só vestirem trapos recebidos por esmola e a não comerem peixe.

Segundo a lenda, Devadata é o «Mau por excelência». Procura por todos os meios matar Buda, mas as suas tentativas são infrutíferas: a bondade de Buda vence-o sempre. Devadata, então, manda um emissário armado de escudo e lança, mas até esse, quando vê o Sublime (Buda), começa a tremer e fica completamente estarelecido. Buda dirige-se-lhe e diz-lhe com brandura: «Amigo, não tenhas receio». E imediatamente aquêles que pretendia assassiná-lo se converteu.

A lenda do elefante selvagem não é menos interessante: — Havia, em Rajagaha, um elefante chamado Nalagiri, que era bravo e matava gente. Devadata foi a Rajagaha, aproximou-se da jaula do elefante e disse aos guardas: «Escutai, homens; nós somos amigos do rei e dele tudo conseguimos. Assim, ser-nos-á fácil elevar qualquer pessoa a um lugar superior, melhorar a sua alimentação e aumentar o seu salário. Escutai, pois, com atenção: quando o asceta Gotama (Buda) passar por aqui, soltai o elefante Nalagiri e deixai-o correr livremente pela rua».

Os guardas anuíram.

O Sublime (Buda) levantou-se ao amanhecer, vestiu o seu hábito e, levando a tijelha das esmolas, entrou, com os monges, em Rajagaha, a fim de fazer o seu peditório. Nisto, o Sublime atravessa a rua, e os guardas que o esperavam soltam o elefante e deixam-no correr em liberdade. O elefante vê o Sublime que se aproxima, e, de tromba erguida e orelhas arrebitadas, pronto para atacar, investe contra Buda.

Os monges que observavam a atitude do elefante advertiram Buda instigando-o a retroceder, que se tratava do elefante «mata-gente». Buda não acede: continua o seu caminho imperturbável.

Tôda a gente que habitava naquela rua subira aos andares superiores e até aos telhados para melhor gozar o espectáculo; e tôda a gente dizia que o asceta seria vítima do elefante. Mas, o elefante, em vez de o atacar, deixa descair a tromba, baixa a cabeça, aproxima-se de Buda e posta-se na sua frente.

O hábito da concentração confere aos monges uma tal hipertrofia da vontade, que ao seu domínio se rendem tôdas as funções orgânicas, mesmo aquelas que a ciência oficial classifica de reflexas. Entre as numerosas sentenças budistas, há duas curiosas e expressivas: «O mar — diz uma — que no seu seio não conserva seres sem vida, cadáveres, repelindo todos os corpos mortos, é como a comunidade dos monges que expulsa todo aquêles cuja alma esteja apodrecida e cheia de desejos». Diz a outra: «O gosto da água do mar é um único: o do sal. A comunidade dos monges também tem um único gosto — a libertação».

Últimas palavras de Buda: «Em verdade vos digo, monges, que tôdas as criações estão sujeitas a perecer. Lutai, pois, sem desfalecimento». E exalou o último suspiro.

É em Ceilão que, ainda hoje, o Budismo conserva a sua tradição mais fiel à doutrina do Mestre e onde conta cerca de oito mil monges.

Cristianismo

Cinco a seis séculos depois do desencarne de Sidarta Gotama, o Buda, nasce Jesus de Nazaré que, mais tarde, viria a pregar doutrina de tanta bondade e doçura, de tanta generosidade, que muitos budistas acreditavam

(1) Rod. V. Delius: *A Vida e a Doutrina de Buda*.

que Jesus era o *Buda Maitreya*, que significa o «Buda da Bondade», cujo aparecimento teria sido profetizado pelo próprio Sidarta Gôtama, fundador do Budismo.

Jesus de Nazaré veio a ser o Cristo, isto é, o Redentor, o Messias cuja vinda ao mundo os profetas teriam anunciado, também.

Certos historiadores pretendem que a moral do Cristianismo já existia entre os egípcios, fundamentando tal parecer no interrogatório a que Osiris ⁽¹⁾ submete a alma, do qual se verifica que a alma para ser absolvida e admitida à presença de Deus deveria provar que tinha respeitado os deuses, que fôra equânime com os homens livres, bondosa com os escravos e caridosa com os pobres e os fracos.

A moral cristã, que nenhuma outra excede, encontra-se, tôda, nesta curta máxima: «Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti», máxima já prégada por Confúcio, cinco séculos antes do Cristo, e que êle assim explicava: «Tu não necessitas senão desta lei, porque ela é o fundamento de tôdas as outras».

O Cristianismo, que teve o seu berço na Judéa, rapidamente se espalhou pela Europa e pelo Norte de África.

Os progressos do Cristianismo excitaram o ódio dos pagãos idólatras, pelo que os cristãos tiveram que sofrer os mais atrozes suplícios e numerosas perseguições dos imperadores romanos. O último perseguidor foi Diocleciano cujo reinado ficou conhecido pela *era dos mártires*. Dez anos durou a perseguição dêste imperador, o qual, por fim, endoideceu e abdicou.

Os primeiros cristãos proscreveram as imagens com o receio de que o povo regressasse à idolatria, mas a necessidade de exaltar a devoção e de facilitar a fixação do pensamento, fê-las readmitir. E, assim, diante dêsses e de outros símbolos, os cristãos queimaram incenso como os seus antepassados pagãos o tinham queimado diante dos ídolos.

Nada morre, tudo se renova.

Mais do que as outras religiões, o Cristianismo inspirou legiões de artistas e deu-nos maravilhas de beleza psíquica.

Outros historiadores pretendem que o Mitraísmo antecedeu o Cristianismo alguns séculos — cêrca de catorze — e que esta religião copiou daquela.

«Mitra é a luz, não a do Sol, nem a da Lua e das Estrêlas; indistinta porque não é vista e tudo vê, emblema da Verdade e da

Justiça que dá fôrça aos juramentos e aos contratos».

O Mitraísmo tinha atractivos, é certo; mas o Cristianismo avantajava-se-lhe. Ao passo que o Mitraísmo era de feição essencialmente militar, o Cristianismo, pelo contrário, era essencialmente popular e muito menos secreto.

O mais ardente cultor e propagandista do Mitraísmo era o Soldado, mas as derrotas sofridas desprestigiaram a doutrina, porque Mitra era, para os sectários, o deus dos exércitos.

Renan, na sua obra magistral «*Les origines du Christianisme*» diz que para ser lógico devia ter começado a sua história pelo povo hebreu, pelo que entendia que o Cristianismo começava no século VIII antes do Cristo. E acrescentava: «...Isaías foi o primeiro fundador do Cristianismo. Jesus nada mais fez do que dizer em linguagem popular e encantadora o que já tinha sido dito setecentos e cinqüenta anos antes em hebreu clássico».

Efectivamente, no Velho Testamento, em Isaías, encontramos os seguintes versículos bem elucidativos:

Capítulo I.

11 — ¿De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? — diz o Senhor; já estou farto delas; não quero mais holocaustos de carneiros, nem gorduras de animais nêdios, nem sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes.

13 — Não ofereçais mais sacrificios em vão; o incenso é para mim abominação. Neoménia ⁽²⁾ e sâbado, e outras festividades, não sofrerei; os vossos ajustamentos são inúquos.

15 — E quando estenderdes as vossas mãos, apartarei de vós os meus olhos; e quando multiplicardes as vossas orações, não as atenderei; porque as vossas mãos estão cheias de sangue.

16 — Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante dos meus olhos a malignidade de vossos pensamentos; cessai de obter perversamente.

17 — Aprendeí a fazer bem; procurai o que é justo; socorrei o oprimido, fazêi justiça ao órfão, defendei a viúva.

Capítulo LVIII.

7 — Parte o teu pão ao que tem fome, e

(1) Um dos deuses do antigo Egito, protector dos mortos.

(2) *Neoménia*, festa que se celebrava no Egito e na Grécia por ocasião da lua nova.

introduze em tua casa os pobres e os perseguidos; quando vires o nú, cobre-o, e não desprezes a tua carne.

8 — Então romperá a tua luz como a aurora, e a tua saúde mais depressa nascerá, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor te recolherá.

10 — Quando tu desentranhares a tua alma para com o faminto, e encheres a sua alma aflita, nascerá nas trevas a tua luz, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia.

Islamismo ⁽¹⁾

O Alcorão, ou antes o «Corão», livro sagrado dos maometanos, corresponde à Bíblia dos cristãos, é uma codificação, informe e incoerente, de preceitos morais, religiosos, civis e políticos, misturados com exortações, promessas e ameaças relativas à vida futura, e com descrições tiradas, com mais ou menos fidelidade, da antiguidade bíblica, das tradições árabes e até da história dos primeiros séculos do cristianismo. Aí se encontram alusões a acontecimentos contemporâneos da época, aos esforços que a nova religião fazia para conquistar o ascendente sobre o culto idólatra e as lutas que teve de sustentar.

Maomet foi o Messias desta religião. Em geral, as populações estimavam-no. A sua inalterável probidade deu origem a que lhe chamassem *el-Emin*, isto é, o leal, o fiel.

Maomet tinha quarenta anos quando principiou a pregar aos árabes a nova religião.

Os árabes eram muito tolerantes para todas as divindades fôsse qual fôsse a sua origem, contanto que respeitassem o culto das suas e não tocassem nem nos usos nem nas superstições que faziam parte dos costumes.

Maomet era guerreiro, em contraste com o pacífico Buda e o doce Jesus de Nazaré.

Duma vez, Maomet, à frente de três mil homens, para se vingar da tribo dos Koraiza, constituída por judeus e árabes, seus inimigos, pôs cerco às suas fortalezas e, por fim, obrigou-os todos a capitular por falta de viveres. Maomet mandou degolar os chefes inimigos e dividiu entre os mussulmanos as mulheres com os filhos e toda a propriedade, quer mobiliária, quer imobiliária. Para Maomet, a mulher era «propriedade mobiliária» do homem... doutrina ignominiosa que ainda hoje tem partidários.

As tribus árabes submetidas por Maomet abraçaram, sem custo, o islamismo.

A obra de Maomet só se completou depois

de vinte anos de esforços perseverantes, de lutas, de guerras. Nos primeiros dez anos de esperanças frustradas, apenas colheu zombarias, insultos, ódios.

Foi no monte Arafat, perto de Meca, que Maomet pronunciou uma alocução em seguida repetida por um caraixita de voz retumbante, o precursor, talvez, do altifalante. Essa alocução resumia os principais preceitos contidos no Alcorão: pregava a justiça, a humanidade, a bondade, a fraternidade entre todos os muçulmanos, o bom tratamento das mulheres, a probidade nas relações da vida civil, e condenava o embolismo, isto é, o acrescentamento de dias aos meses lunares.

Maomet era um mundano, como hoje se diria. Pintava o cabelo, coloria as unhas e punha colírio (*kohl*) nas pálpebras, exactamente como praticam as sécias de agora. Gostava de se mirar ao espelho ou num vaso com água límpida, para melhor ajustar o turbante.

Citam-se estas palavras de Maomet que bem definem os seus gostos: «As coisas que mais amo neste mundo são as mulheres e os perfumes, mas o que mais me reconforta a alma é a oração».

Maomet desposou quinze mulheres e de doze teve filhos. Nove destas mulheres sobreviveram a Maomet, mas como ele proibira que os muçulmanos as desposassem depois da sua morte, nenhuma delas tornou a casar.

Tão grande número de mulheres está em contradição com o preceito do Alcorão que proíbe aos mussulmanos terem, ao mesmo tempo, mais de quatro mulheres legitimamente casadas, mas era prerrogativa que Maomet reivindicara na qualidade de chefe espiritual e de profeta.

O seu porte tinha uma expressão de bondade e de afabilidade. Nunca era o primeiro a deixar quem com ele tratasse e jãmais era, também, o primeiro a retirar a mão da da-quele que lha apertasse.

No capítulo LVIII do Alcorão censura-se ásperamente por ter recebido com impaciência um homem pobre. Entretanto teve o cuidado de se precaver das impertinências e grossarias dos seus concidadãos.

Depois da tomada de Meca levaram à sua presença um dos seus inimigos mais encarniçados. Recebeu-o sem lhe dar palavra e acabou por lhe perdoar. — «Calei-me — explicou ele aos seus companheiros — à espera que um de vós se erguesse e matasse este

(1) Kasimirski: *Le Koran*.

homem». — «Nós esperávamos um sinal teu, profeta!»

— Não pertence ao profeta fazer sinais de inteligência que seriam uma traição», — retorquiu Maomet.

Esta resposta equivalia a dizer-lhes como, de futuro, deveriam interpretar o silêncio do profeta perante um prisioneiro inimigo.

A tradição conservou muitas passagens da vida de Maomet em que o descrevem como homem muito doce, muito humano, muito bondoso para todos aquêles que lhe eram dedicados.

Em poucas palavras se podem resumir os princípios fundamentais do islamismo: unidade absoluta de Deus, sem Trindade nem Filho de Deus; o Santo Espírito é o anjo Gabriel; os anjos são mensageiros de Deus que morrerão um dia para ressuscitarem no dia do julgamento derradeiro; sem a crença num único Deus e na vida futura não há salvação; as penas do inferno podem não ser eternas se Deus assim o quizer.

O Alcorão admite um purgatório. As delícias do paraíso são reservadas para os crentes que tenham praticado o bem. Tais delícias estão pintadas com traços grosseiros e sensuais, mas são, sem dúvida, os mais atraentes para um povo cheio de vida como é o dos árabes. Efectivamente, a promessa dum paraíso com cursos de água, jardins florescentes, verdura, frescura suave, mulheres sempre jovens, devia parecer o cúmulo da felicidade a homens queimados pela ardência do sol, rodeados de planícies e de montanhas áridas, muitas vezes privados de água e não encontrando na outra metade do género humano — a metade feminina — senão curtos momentos de prazer, porque os maometanos não viam e não encontravam nas mulheres coisa nenhuma que os elevasse acima dos brutos.

É, contudo, de admirar que os primeiros tempos do islamismo ofereçam exemplos duma grande pureza de costumes, duma castidade, dum ascetismo, dum espiritualismo, — que não eram de esperar num povo assim acalentado com promessas do paraíso maometano.

Maomet disse, por fim: «Deixo-vos uma lei que vos preservará do erro, uma lei clara e positiva, um livro mandado do Alto».

Ler no próximo número um artigo do Dr. António J. Freire, intitulado «O PODER MENTAL (Formas astro-mentais)». Egrégoras».

CONFISSÃO

MALDITA FILOSOFIA

pelo Dr. Alfredo Mota

Quando me lembro que já defendi idéias como as que Augusto Comte criou ou reviveu para acabar desdizendo-se, até coro de vergonha: Se à evolução cabia passar por eles, que lhe havemos de fazer? O que não tem remédio, remediado está.

Mas nesta altura da vida preservar na prática do materialismo é um erro que precisamos de profligar até à morte última. Sobre tudo em ciência é que não tem lugar. Na religião desculpa-se, em nome da parte dogmática, mas esta mesma há-de modificar-se mais cedo do que pensam os seus adeptos; o erro não pode ser eterno, nem Deus pretende a sua eternidade. Logos só quer o progresso dos seus filhos, mas que eles o acompanhem por sua boa e livre vontade.

Um condiscípulo, professor positivista de destaque, que contribuiu para a minha nomeação de 1.º Assistente da nossa Faculdade de Medicina, disse-me que os nossos colegas clínicos odiavam a clínica homeopática, porque o fundador de tal doutrina (Samuel Hahnemann) morreu pobre; contudo, a prática dessa doutrina tem produzido milagres nas minhas mãos, como, por exemplo, a cura radical dum menino a quem o seu médico assistente tinha dito que a morte era certa e que só o procurassem para lhe passar a certidão de óbito. E, a-pesar-de pouca concorrência que a homeopatia tem neste atrasado Portugal, posso apresentar mais erros, se os meus colegas clínicos me quizerem ler. Mas como, se eles nem me falam, nem respondem a cartas que lhes tenho escrito, sobre outros assuntos, mesmo que a verdade dos factos seja patente? Outro condiscípulo que me reptou a discutir a doutrina, disse-me no momento azado para isso que a não discutia, porque a ignorava totalmente. Tal qual eu era, quando só sabia o que me ensinavam na minha escola-mãe.

Mas esta tem de sair do marasmo em que vive ainda. Vencido o meu preconceito de escola, perante os factos observados, dirigi-me a um colega no estrangeiro, pedindo-lhe conselhos. Disse-me: estude primeiro o Organon da Arte de Curar de Samuel Hahnemann, depois a «Matéria Médica Homeopática» e comece a praticar a homeopatia.

GUSTAVE GELEY

UMA CAPACIDADE

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

Tradução de J. D. S.

Redactor correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires

Geley é uma elegante figura da escola espirita. Foi ele quem mais e melhor soube fazer pelo Espiritismo, com novo sentido e novo culto da vida. Viu realizada a sua mais cara vocação: integrou o elemento vivificante do



GUSTAVE GELEY

fenomenismo espirita num classicismo de cujas raízes soube extrair a seiva necessária para a sua interpretação moderna do Espiritismo.

A obra de Geley contribuiu sempre para a formação duma clara e definida consciência idealista entre os homens, especialmente nos que se dizem espiritas, sem a noção de responsabilidade que tal qualificativo encerra.

Com a sua obra e o seu exemplo, sustentou

que à escola espirita incumbe a tarefa de reformar a estrutura dum mundo eivado de erros que tudo asfixiam.

Em opposição à rotina, Geley trouxe experimentação nova; e, contra os preconceitos alheios, ergueu a recta decisão que encerra o triunfo e a causa dos grandes valores.

Por cima do seu apurado cientifismo, toda a obra de Geley deve ser encarada como acção de objectivos práticos.

Através das dificuldades das várias interpretações, Geley fez brilhar a luz da sua convicção, transformada em fenómeno e definição, entre um mundo de interesses e pseudo-sábios, eivados de tartufismo. Estudou alguns caracteres obscuros e relevantes do Espiritismo, relacionando-os com o futuro prometedor que lhes reservavam os novos métodos de investigação a que seriam sujeitos. futuro cheio de ardentes possibilidades, segundo o permitisse a audaz serenidade da nova doutrina, escudada pelos seus lidimos representantes.

Melhor do que ninguém, Geley soube determinar as condições necessárias e a própria essência dos factos materiais mais aparentes, explicando o que muitos não conseguiram explicar, sendo este um dos seus melhores títulos de glória.

Como verdadeiro sábio, legou-nos a mais nobre das atitudes: manter a significação moral que encerra toda a investigação.

É possível que seja esta a mais adequada interpretação da verdadeira essência da doutrina espirita. Também nos legou uma característica da sua indubitável capacidade, substanciada na quasi fria serenidade com que encarava todas as questões que passavam pelo cadinho da sua análise. Estas condições tornaram Geley o prototipo da capacidade. Assim era, porque tudo quanto via e experimentava era por ele aclarado e fundamentado. Explicava tudo o que via e sentia. Eis uma linha espirita que nasce e morre com Geley.

Antes de mais nada, Geley foi uma capacidade intrépida que conseguiu encontrar o conceito exacto, a linguagem leve, o princípio vificante e a expressão genial.

A sua capacidade venceu os detractores e; com desprezadora imutabilidade, destruiu as objecções feitas ao sistema que apresentava à consideração dos mais idôneos. A sua sagacidade venceu a maioria e todos os Sudres que pululavam em torno das suas magníficas vitórias.

Pôs ao serviço do Espiritismo as suas notáveis faculdades de investigador sincero, bem como a sua lógica de ferro e a sua grande habilidade para deduzir princípios dos factos, integrando-os nas principais idéias em que baseava a sua interpretação doutrinária.

Aparentemente insensível, os seus irreductíveis inimigos ideológicos jâmais lhe conseguiram denegrir a capacidade e a rectidão doutrinária de sempre.

Geley conhecia perfeitamente as várias escolas da vanguarda espirita e por isso constituiu uma bandeira — e das mais valiosas — dentro e fora dessas escolas. Foi um homem sincero consigo mesmo, imperturbável e capaz de usar os mais vigorosos processos para apurar a verdade e examinar uma convicção; foi um homem que procurou avidamente as produções fenoménicas de novo aspecto científico e a sua acção exerceu-se com grande intensidade, como conquista de laboratório.

Descreve sempre pormenorizadamente e muitas vezes ao correr da pena, imprimindo verdadeira elegância poética ao seu estilo. Artífice do fenómeno, experimentador exímio, a sua palavra transformou-se logo em conceito penetrante.

As suas obras inseparáveis estão ligadas pelo mesmo sopro renovador. O fio com que inicia o primeiro ciclo de «As provas do transformismo e os ensinamentos da doutrina evolucionista» — a sua estreia — é o mesmo com que finaliza as deduções filosóficas incompletas da «Origem e significação dos fenómenos metapsíquicos». A sua obra magnífica revela exuberantemente a elevada noção que elle tinha duma doutrina, novo virtuosismo com que se distinguiu na nossa escola. Essa foi, em verdade, a sua obra, o seu fruto e a sua elevada contribuição em prol dum novo movimento humanista. Assim, Geley foi também um homem de extraordinária compreensão.

A sua trajectória revela uma grande capacidade e a sua opinião nunca foi debalde consultada. A sua concepção do Espiritismo é, sobretudo, uma concepção contrária a todo o sistema religioso.

Tôda a sua investigação científica demonstra sonho esplêndido que se interrompeu de forma radical. Todos os seus esforços se baseavam e orientavam num plano de intercompreensão, de esclarecimento entre o conceituado como clássico e aceito nos estudos naturais e psicológicos e o novo traço que caracteriza o Espiritismo como ciência de integralidade humana. Nem outro significado pode encerrar a sua obra revisionista do clacismo estudioso.

* * *

Como capacidade, evidencia grande talento criador e uma profunda habilidade. Nas fileiras espiritas, é o mais categorizado prototipo de teórico e construtor, sem detrimento das duas condições tão difíceis de reunir. É que Geley, como verdadeira capacidade, não só compreende, como também realiza.

Tudo concorre, com o seu assentimento, para que se transforme em campo de acção, visto que, somente realizando, se conseguem as grandes capacidades.

Em Geley, não encontramos, felizmente, nem estilo rebuscado, nem apostolicismo ou pessimismo. Era simples, claro e optimista, como os próprios factos que estudava. Geley nasceu pedagogo para o Espiritismo: todas as suas investigações são pedagogia. Experimentou como escreveu, isto é, sem escrúpulos, analisando e controlando tudo, sem excepção.

Nunca provocou polémicas, mas também lhes não fugiu. À discussão das palavras e dos papéis, preferiu a dos princípios e dos fenómenos, podendo afirmar-se que foi sempre um experimentador e filósofo de nascença. Dêste modo, principiou cedo, tendo sido espicado pela dúvida religiosa, como os gigantes são espicados por simples grãos de areia. O seu despertar foi um impulso — e que impulso! — que só acabou em transição, quando capotou o avião que o conduzia, ennegrecendo a lembrança duma partida escamoteadora.

Espírito de vanguarda, Geley ergueu o Espiritismo à altura da sua época. Recebeu de Kardec uma doutrina e transmitiu-nos uma escola, que recebemos dele e dos seus discípulos. Por isso, reputamos Geley a melhor

O PROBLEMA DA MORTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

III

Resta-nos agora, para nos instruímos acerca das lamentáveis lacunas, que o estudo de Maeterlink nos legou na sua obra «A Morte», pôr em evidência as conclusões a que chegou outro cientista não menos digno da nossa atenção. Queremos referir-nos a Ernesto Bozzano, notável investigador da pátria de Dante, que escreveu uma monografia de 160 págs., intitulada «A Crise da Morte» onde, pacientemente, compara 17 comunicações de espíritos, que nararam como passaram para o Outro Lado, quais foram as suas impressões, como vivem e como agem.

Este operoso investigador, como se sabe, tem-se dedicado, com uma paciência beneditina, à apreciação de todos os casos de fenómenos psíquicos, encontrados nos arquivos respectivos. O seu mérito principal é o de saber comparar tôdas as facetas que eles apresentam e tirar daí ilações e conclusões que, postas a correr mundo, tomam vulto e carácter científico extraordinários. O seu labor tem sido exaustivo e os resultados a que tem chegado são admiráveis e de um valor inestimável para o desenvolvimento e prestígio do Espiritismo.

As características das obras de Ernesto Bozzano são diametralmente opostas às de Maeterlink. Enquanto este procura investigar, especulando, construindo hipóteses, enredando-se na teia das suas congeminções admiráveis, mas falsas; aquêle, num estilo didático, mas corrente, escalpelizando fria, mas conscientemente, escudado nas bases científicas do Espiritismo, dá-nos uma obra admirável e consola-nos o espírito sedento de verdade. Por isso, as suas monografias são avidamente lidas em todos os continentes e esgotam-se num ápice. Tôdas elas constituem uma análise profunda e completa dos fenómenos psíquicos verificados nos momentos preagónicos dos moribundos, mas o que nos interessa, por agora, é o que nos informam os espíritos desencarnados, como transpuseram as fronteiras do invisível, como vivem e como agem.

São essas lacunas que Maeterlink nos deixou e que Bozzano, na sua monografia «A Crise da Morte», vai preencher.

Este livro admirável é constituído por 17 mensagens de espíritos desencarnados e que, analisadas em todos os pormenores, são tôdas con-

cordes nos seus pontos e solidárias nas suas doutrinas. Alguns destes relatos, obtidos por médiuns que desconheciam os princípios espirítistas, são admiráveis pela clareza e concisão com que descrevem o cenário e o *modus vivendi* dos desencarnados. Bozzano, a cada comunicação, junta-lhe o seu comentário, breve ou longo, conforme a necessidade de explicar ao leitor as contradições aparentes. Nesta colecção de «Revelações Transcendentais», como ele lhe chama, chega-se às seguintes conclusões, reveladas pelos próprios espíritos:

1.º — Sono reparador, após a morte acidental e com sofrimento;

2.º — No momento da morte, «visão panorâmica» de todos os acontecimentos da sua vida terrena;

3.º — «Corpo etéreo» condensar-se acima do «corpo somático»;

4.º — «Lei de afinidade», como detalhe fundamental, ou seja a atracção mútua dos espíritos dos parentes mais próximos;

5.º — A força criadora do Pensamento e Vontade com os quais os espíritos constroem tudo o que necessitam para o seu *habitat*, no mundo invisível.

realização de Kardec, visto que só uma grande capacidade podia interpretar uma grande vontade. É que a magnificência espirita necessitou, primeiramente, da característica vontade kardeciana, e depois da capacidade geleana, como a sua melhor e mais qualificada continuação.

Kardec foi farol que iluminou até onde pôde. Geley foi o barco que aportou onde quis.

É por isso que um e outro são homens-sínteses do Espiritismo. Assinalam duas épocas, são dois estádios diferentes que se completam.

Sem Kardec, não se justifica Geley, mas a obra de Geley é a melhor explicação e continuação da de Kardec. Descrever o Espiritismo sem eles, era inconcebível, como inconcebível seria descrever a força vital que constitui a essência do nosso movimento ou o próprio movimento. É que Geley é a realização duma obra de que Allan Kardec foi o justo prefácio.

A-pesar-de muitos esforços contrários, Geley ilumina e continuará a iluminar as dúvidas que se apresentam aos estudiosos da Doutrina.

São estas as principais conclusões a que chegou Bozzano, mas se só citássemos estas e não ampliássemos outras, também interessantes, muito pálida ficaria a nossa idéia a este respeito.

Vamos, portanto, dentro dos limites do espaço, desenvolver um pouco mais os tópicos desta importante monografia.

Todos nós sabemos que os espíritos desencarnados são acolhidos no mundo espiritual pelos nossos guias e parentes. No 2.º caso descrito neste livro, por exemplo, quando o espírito relata que, quando transpôs o além, não viu ninguém perto dele, concluiu que os espíritos se tinham enganado. Mas logo que este pensamento o dominou, imediatamente se lhe apresentaram dois espíritos acolhedores e benévolos. Isto, portanto, confirma a teoria de que o pensamento e a vontade são os fios condutores dos desejos dos espíritos.

Quanto à autenticidade das revelações dos espíritos, ainda que pese aos misoneístas, não sofre dúvida. Ouçamos Bozzano:

Se todas as personalidades mediúnicas descrevem as mesmas condições do meio espiritual, com os mesmos detalhes fundamentais e secundários e com os mesmos relevos de fundo, isso demonstra que as condições de meio assim descritas são autenticamente espirituais, ao mesmo tempo que objectivas, permanentes, reais, absolutamente reais.

Mais adiante, quando o nosso autor italiano verifica que todos os espíritos afirmam que são o pensamento e a vontade as grandes forças de que eles dispõem, para a execução de tudo que necessitam no seu mundo, surpreendemos-lhe estas afirmações concludentes e incontrovertidas:

Assim é que se chegaram a eliminar as formidáveis objecções que induziam a maioria dos pesquisadores a atribuir uma origem puramente subconsciente a todas as revelações transcendentais, objecções que, irremovíveis na aparência, desaparecem, ao contrário, como o nevoeiro em

face do sol, ante a grande verdade psicológica de que se trata, verdade que é também reconhecida como experimentalmente demonstrada no mundo dos vivos.

No relato do 13.º caso, o espírito fala na existência de outras esferas, infinitamente superiores àquela em que vive, e isso confirma um dos postulados da nossa doutrina. Ouçamo-lo:

«Os espíritos eleitos que as habitam executam, pelo poder da vontade, coisas que vos parecerão impossíveis, o que não impede sejam verdadeiras. É dessas esferas que se desprendem as «centelhas da vida» sob a forma, por assim dizer, dum «fluxo vital» que atinge o vosso mundo e é absorvido pelo reino vegetal».

Como se vê, o segundo mistério da vida no universo, que a ciência oficial ainda não descobriu, por esta afirmação do espírito comunicante, chega-se a uma solução que, se não resolve por completo o problema, que devora e consome tantos cérebros peregrinos, pelo menos levanta a ponta do véu da grande incógnita da Vida. Para ser universalmente aceita, só resta que a ciência oficial desça do seu olímpico pedestal e que renda preito aos pioneiros espíritos, que são as suas guardas-avanzadas na busca da Verdade.

Só por estes e outros resultados admiráveis a que chegou o Espiritismo, devia esta ciência ser respeitada e digna de estudo dos homens de boa vontade. Mas, infelizmente, os preconceitos arraigados inibem-nos de, desapaixonadamente, *verem* e *apreenderem* os factos, tais quais se apresentam na sua simplicidade eloquente. Mas os tempos são chegados e em breve eles serão do conhecimento de todos e a sua luz irradiará por toda a parte! Então, sim, a humanidade, na posse plena do seu presente e no maravilhoso conhecimento da vida futura, será mais perfeita, mais moral e menos materialista. É a conclusão que tiramos ao lermos esta monografia

de Bozzano. Continuemos, porém, a sua análise.

Na descrição do 15.º caso, em que se trata da mensagem do espírito de Rudolfo Valentino, o grande artista do cinema mudo, há um período interessantíssimo, que não quero deixar passar em branco. Diz ele:

Afirmam-me que a substância, sobre que se exerce a força do pensamento é, na realidade, mais sólida e mais durável, do que as pedras e os metais no meio terrestre.

E comenta Bozzano:

A ciência, com efeito, já demonstrou que a solidez da matéria é pura aparência. Segue-se que o atributo *solidez* não constitui mais do que uma questão de *relação* entre o *indivíduo* e o *objecto*.

Isto explica-nos muitos e variados fenómenos supranormais, tanto anímicos como espíritos.

Os milagres do Cristo e dos seus apóstolos; as materializações de fantasmas e toda a fenomenologia disseminada pela bibliografia psíquica, tornam-se-nos absolutamente explicáveis e coerentes com as leis científicas. Só são inexplicáveis e consideradas *inspirações satânicas* para os nossos opositores de todas as barricadas. Para nós, não; eles tornam-se simples e plausíveis, atendendo a que a solidez da matéria é relativa ao mundo que habitamos. Além disso, como a ciência humana é insuficiente para nos decifrar e apagar os grandes pontos de interrogação que se vão acumulando, à medida que avançamos na senda do progresso, temos que nos socorrer da ciência divina, que Deus, misericordiosamente, através dos seus mensageiros, lança sobre nós a flux. É por isso que o Espiritismo, não sendo uma ciência ou uma filosofia fechada, progride a olhos vistos em toda a parte, por ser mais obra divina, que humana.

*

Para terminarmos a análise do livro de Bozzano, só nos resta citar os dois últimos casos. Num, declara

o autor que não chegou a encontrar um só exemplo de defunto caído nas esferas infernais, «que tenha vindo a transmitir mediunicamente a narração da sua triste aventura»; noutro, põe-nos ao facto da revelação dum espírito que atingiu o último ciclo evolutivo de purificação.

O primeiro, ainda está dentro dos moldes deste trabalho; o segundo, pertence já aos domínios da reencarnação, e só será analisado oportunamente.

Este penúltimo caso narrado na «Crise da Morte» torna-se interessantíssimo e esclarece-nos que os espíritos, gravitando nas esferas de prova correspondentes ao Inferno dos cristãos, não suportam esse sofrimento eternamente, porque é transitório. É desnecessário acrescentar que esses sofrimentos são morais e não físicos, como afirma uma grande parte dos católicos.

A redenção é a estrada aberta a todos os pecadores e arrependidos. Deus não seria misericordioso se não facultasse a todos a possibilidade de atingir as esferas destinadas aos espíritos superiores.

E Bozzano, a-propósito, diz-nos que os espíritos endurecidos no mal, só quando sôa a hora do arrependimento são assistidos por espíritos missionários e estes lhes facilitam comunicar-se com os vivos. É por isso que todas as comunicações até agora obtidas pertencem a espíritos já livres dessa *gehena*, ou que, pela sua evolução, não chegaram a passar por lá. Seja, porém, como for: todos os espíritos são conformes em declarar que o Inferno não existe, mesmo os que morreram na crença dos dogmas católicos.

*

Chegámos ao fim da jornada que empreendemos.

Passámos em revista as várias hipóteses explicativas do problema eterno da Morte. Esta palavra, que tanto horror causa, exerce um poder tão grande no mundo dos vivos, que estes, para a não pronunciarem, criaram inúmeros termos eufemísti-

cos para a designarem. Como a linguagem é o veículo do pensamento entre os vivos, estes criaram variados vocábulos para exprimirem a sua idéia. Mas isto não obsta a que ela continui a ser o que sempre foi: o prolongamento da vida, através de novos ciclos evolutivos, conforme a hipótese espiritualista.

Já é tempo de a humanidade compreender as verdades cientificamente provadas pelos mensageiros de Deus. Rompamos com todos os dogmas esterilizantes e incongruentes. Analisemos a Verdade à luz dos factos e da ciência de inspiração divina.

Felizmente, já se vislumbra um clarão nas trevas. O facto da Igreja Oficial Inglêsa reconhecer por maioria a autenticidade do Espiritismo é já uma grande conquista para a nossa Causa. Só falta torná-la pública. Veremos se o Arcebispo de Cantuária terá coragem para arcar com essa responsabilidade. ¡Calculem-se as consequências desse reconhecimento, num país que é o núcleo do maior e mais importante império do planeta!

¡O Espiritismo progride, o Espiritismo vencerá todos os obstáculos! ¡O tempo trabalha por ele e a ciência é o seu baluarte inexpugnável!

Os dogmas das ortodoxias religiosas têm sido destruídos sucessivamente pelos arietes demolidores, empunhados pelos soldados invencíveis do exército científico do Mundo! É percorrer a História e verificar como todos eles se afundaram ridiculamente. A luta da luz contra as trevas tem sido ingente, mas vitoriosa. A observação e a experiência, base de todo o progresso, foram os inimigos figadais do obscurantismo secular, que mergulhou a humanidade no sofrimento e na ignorância.

Os anátemas religiosos são tão estêreis, como estúpidos. O maior erro das religiões foi agarrarem-se demasiado à letra dos textos sagrados e julgarem que eles estavam em contradição com as descobertas, dia a dia mais evidentes e axiomáticas.

Para fazermos uma idéia da in-

sensatez e inanidade dos dogmas ortodoxos, basta citar estes factos, pertencentes à história moderna:

O clero denunciou o uso do método antiséptico no tratamento dos doentes, inventado por Lord Lister, Pasteur e Summelsweis.

¡Quando, em 1728, se introduziu o uso das batatas na Escócia, o clero condenou o seu uso entre os cristãos, porque a Bíblia não as mencionava!

Sabe-se o que sucedeu a Galileu, por afirmar que a Terra girava à volta do Sol, demonstrando o heliocentrismo, contra o geocentrismo, defendido pela Igreja.

Copérnico escapou à perseguição, porque morreu; mas Giordano Bruno, seu adepto, foi queimado vivo, com o estigma de *monstro de impiedade!*

A lei da gravidade, descoberta por Newton, foi impugnada, como atentado contra os designios da Providência.

O quinino, introduzido na Europa em 1638, foi anatematizado como invenção do demónio, e só 15 anos depois se generalizou em Inglaterra.

Benjamim Franklim, o inventor do para-raios, segundo a opinião do clero, atentou contra a teoria teológica de que «a tempestade é a voz de Deus...»

O uso do clorofórmio, a introdução do caminho de ferro e tantos outros inventos úteis, foram consideradas *invenções de Satanaz*.

O próprio uso do gás era para a ortodoxia uma blasfémia, porque, dizia o clero, «a escuridão é o sinal para todos os cristãos devotos irem para casa».

Até o uso do guarda-chuva, que tanto celebrou Teófilo Braga e Chamberlain, foi contraditado, porque a Bíblia dizia que «O pai, que está no céu, manda a chuva para o justo e para o injusto»...

O Espiritismo, então, como ciência dos nossos dias, não têm contra as perseguições de que tem sido objecto. Basta citar esta opinião de um padre: «O Espiritismo é a fraude mais danada até agora vomitada pela boca do Inferno!»

Paremos aqui. Não vale a pena revolver mais a História. Pelos antecedentes, tiramos os conseqüentes. E, assim, o Espiritismo, como desbravador dêste áspero e tortuoso caminho da humanidade, será de futuro o seu grande farol, que lhe indicará o seu norte e a tornará mais feliz, encaminhando-a pela senda recta e luminosa, que a conduzirá a Deus.

Depois destas digressões, chegámos à conclusão de que a nossa vida não termina no sepulcro, e também não começa no berço. Assim como o sono é o espaço entre duas vigílias, a morte é o intervalo entre duas vidas cíclicas. Para chegarmos a esta convicção, foi necessário que Deus, por intermédio dos seus mensageiros, no-lo fizesse compreender.

Sendo assim, como a lógica e a evidência dos factos nos demonstram, não devemos chorar os mortos queridos, porque isso irá perturbar o seu espírito desencarnado, e impossibilitá-los-á de examinar, com o devido cuidado, a «visão panorâmica» da sua vida terrena. Sejamos, pois, calmos e serenos nas câmaras funerárias, evitando as explosões de dor que, embora sinceras e naturais, são perniciosas para os que partem para o Além.

E para terminarmos, entoemos este hino à Morte, que Léon Denis escreveu no cap. XIII do seu livro «Depois da Morte»:

«Digamos adeus às teorias que fazem da Morte a porta do nada ou o prelúdio de castigos intermináveis. Adeus, lúgubres fantasmas da teologia, dogmas medonhos, sentenças inexoráveis, suplicios infernais! Chegou a vez da esperança e da eterna vida! Não são negras trevas, mas sim luz deslumbrante, o que surge dos túmulos!»

E parafraseando o final do opúsculo já citado do Dr. Lôbo Vilela, direi:

!Louvado seja Deus, que, na sua infinita misericórdia, depositou em nós um germe do seu amor, uma centelha da sua luz!

Écos da Imprensa Espírita

La Idea, de Buenos Aires, publica um artigo de Elias Toker acêrca das «condições requeridas para ser-se director consciente de sessões mediúnicas». Eis alguns passos dêste artigo:

Hoje em dia — escreve — a principal característica do nosso ambiente traduz-se em completo «analfabetismo» em relação à psicologia experimental, da parte dos que assumem funções de maior responsabilidade: dirigir sessões.

Logo que possuam certo grau de sensibilidade magnética e muita credulidade mística, já alguns se julgam indicados para dirigir sessões experimentais, o que dá lugar às mais ridículas manifestações amalgamadas de mil e uma fantasias mentais, como comprovamos na maioria dos «nossos» centros e sociedades, que crêem praticar o Espiritismo.

Depois de referir a existência de muitos factores determinantes do caos nas sessões, passa a estudar a questão dos directores:

¿Que poderemos nós esperar, por exemplo, dum individuo que, assumindo a responsabilidade de dirigir sessões mediúnicas, o que envolve profundas inquietações ideológicas no tocante ao Espiritismo, continua apegado a crenças católicas, ou cristianismo mistificado por religiões de diversas matizes e apela para as orações e invoca a protecção dos «santos»?

O «director» sente-se como tal, porque o «guia» «descobriu» a sua competência para tão delicada função. E não dão um passo, não movem uma cadeira, nem se arriscam a «perigosas» experiências que permitam proporcionar algo de novo, porque o «guia» não o permite. ¿Aonde nos poderão conduzir tais «directores»? ¿Que pode esperar-se de tal torpeza? ¿Que pena ver-se tanta mediocridade à frente da mais delicada função, como é a direcção funcional da mediunidade!...

E mais abaixo:

Não pretendemos criar métodos difíceis e complicados, que a nada conduzem, nem humilhar os homens de escasso conhecimento. Cremos,

todavia, que deve haver um sentido de responsabilidade naqueles que se colocam à frente duma instituição e se dispõem a manipular o «desconhecido».

¿Que responsabilidade pode ter o individuo que se não pode libertar de crenças e idéias arraigadas, a que rende culto tradicionalista? ¿Que iniciativa, que actividade, que autoridade pode ter um individuo que, «ungido pela fé», aceita a escravidão que lhe impõe o «espírito-guia»? Em tais ambientes, formados por tão maus «directores», só pode haver entorpecimento moral, espiritual e material dos assistentes.

Finalmente, esboça os caracteres que devem adornar a personalidade do verdadeiro director.

Valor. Romper tôdas as cadeias que o aprisionam, tais como, idéias, sentimentos religiosos, sociais e políticos, herdados dos seus maiores; romper com organizações e directrizes observadas por antecessores que se supõem «insuperáveis»; desenvolver no espírito grande sede de saber, de aprofundar, impulsionando tôdas as iniciativas que possam conduzi-lo e aos que o rodeiam a melhor compreensão dos valores morais do Espiritismo. Só assim os directores poderão orientar as sessões mediúnicas para a sua verdadeira missão: vulgarizar o Espiritismo Ideológico, Filosófico e Moral.

A independência do espírito é o mais raro dos fenómenos. Tôdas as religiões são boas e respeitáveis, quando elevam o pensamento para um ideal superior, quando consolam o aflito e suavizam as misérias. Mas que se não explorem e se não mate em seu nome!...

Camille Flammarion

ÍNDICE

Está impresso o índice do 1.º volume de «Estudos Psíquicos», que será enviado, com o número 14, a quem o requisitar.

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

III

A massa do Sol é $2,10^{33}$ gr; densidade — 1,4 (Terra 5); distância à Terra — 149.450.000 km; velocidade de rotação — 24,65 dias; velocidade de translação do sistema solar para Vega — 20 km./segundo; tempo de retorno à posição inicial do eixo do sistema solar no seu giro — 250 milhões de anos. Camadas periféricas do Sol: fotosfera (zona mais luminosa com grânulos sólidos ígneos e líquidos em suspensão); camada inversora; cromosfera (vapores metálicos, riqueza em hidrogénio e cálcio; corôa (abundante em corpúsculos electrizados provenientes da pressão das radiações solares). Da cromosfera, salientam-se as chamadas protuberâncias, ricas em hidrogénio e cálcio; na fotosfera, distinguimos faúlhas e manchas. Para explicar a sua origem, há várias teorias: irregularidades de rotação, erupções vulcânicas, turbilhões horizontais, queda de meteoritos, como nas crateras da lua; ilusões ópticas por dispersão anormal, resfriamento até 3.500 graus centígrados (hipótese mais provável, visto que, nos flancos das manchas, predominam gases quentes e brilhantes: as denominadas faúlhas).

Com a sua temperatura superficial de 6.000° c. na periferia e 6 milhões no centro, o Sol exerce enorme e continuo trabalho, sob forma de energia radiante de cerca de 520 mil triliões de kw, fornecendo à Terra uns 250 biliões.

Sabemos que uma parte da energia solar reside nos carvões, sob a forma de energia química, que se li-

berta durante a combustão. A energia, libertada pela combustão, de todo o carvão da Terra, não é superior à que o Sol nos envia em 22 dias. Podemos medir com rigor a intensidade da energia solar, recebendo as radiações numa chapa metálica escurecida por negro fumo, princípio este duma instalação para a recolha de energia solar, por intermédio de espelhos que refletem as radiações para uma tubagem de cobre enegrecido e cheia de água, que, vaporizando-se, produz energia mecânica.

Analisando as radiações solares no espectro, vemos que o máximo de intensidade que podemos apreender se confina entre o amarelo e o verde, radiações de frequência de 600 biliões de ciclos/seg., correspondentes ao comprimento de onda de 0,00055 m/m, resultado que está de acôrdo com as medições fotométricas que, realmente, mostram ser essas as radiações que melhor nos sensibilizam a retina. O nosso sentido visual não pode perceber toda a espécie de radiações solares. Apenas nos é permitido ver radiações de certos comprimentos de onda, aos quais chamamos de luz. O espectro visível (vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e violeta), encontra-se entre os comprimentos de onda 0,0004 e 0,0008 m/m, respectivamente, das radiações violetas e vermelhas. E as cores branca e preta? Sabemos da escola que um corpo é preto, quando absorve todas as cores que nele incidem, e é duma certa cor, quando as absorve todas,

menos essa, que difunde. Sabemos também que o branco não é cor simples, mas sim a mistura de todas as do espectro (e nessa proporção) ou, pelo menos, de duas que se dizem complementares. Assim, um corpo parece-nos branco, porque a nossa vista é incapaz de separar as diferentes cores componentes do branco. Numa orquestra, o nosso ouvido consegue facilmente distinguir as diferentes frequências musicais dos instrumentos; mas, para as cores, não possuímos esta força analizadora, necessitando para isso dum meio artificial: a dispersão pelo prisma. Um corpo que não absorva radiação alguma visível, deve reflectir a cor da luz que nele incide. Mas os corpos, nestas condições, são transparentes; logo, incolores.

Isto, para os corpos sem luz própria; para as origens luminosas, naturais ou não, a cor depende da temperatura. Assim, por exemplo, Sirius e Alfa de Lira são brancos, devido às suas temperaturas de 15.000° c.

Também há fenómenos luminosos, sem que as substâncias emissoras estejam incandescentes: luminiscências (químico, electro e foto-luminiscência). Nas luminiscências distinguem-se a fosforescência e a fluorescência, conforme persiste ou não o efeito.

O espectro prolonga-se para o lado vermelho, isto é, do maior comprimento de onda visível: é a região infra-vermelha das radiações caloríficas das ondas hertzianas de grande comprimento, ondas longas

de T. S. F. até 30.000 metros e das radiações de corrente alterna. Qualquer corpo, acima de 500° c., emite radiações visíveis, vermelhas, naturalmente; e à medida que a temperatura se eleva, vai emitindo novas radiações de maior frequência e a sua cor «sobe» no espectro. As radiações infra-vermelhas já invisíveis são perceptíveis pelo sentido do tacto e pelos termómetros; as hertzianas são-no, apenas, pelos seus efeitos, em detectores especiais.

O espectro luminoso prolonga-se também para o lado dos pequenos comprimentos de onda: são as regiões do ultravioleta, dos raios X, dos raios gama, e, possivelmente, dos raios cósmicos.

Tôdas estas radiações electromagnéticas obedecem às mesmas leis: reflectem-se, refractam-se, interferem, polarizam-se. As diferentes propriedades dependem só da diferença de comprimento de onda. A opacidade dos objectos, a absorção da luz, a escuridão da noite, etc., são deficiências dos nossos olhos, que não conseguem ver a multiplicidade de radiações de toda a ordem que constantemente banham o espaço.

Qualquer radiação exerce pressão sobre as superfícies que impressiona. A pressão total das radiações solares sobre a Terra equivale a 75 mil toneladas.

Já na parte visível do espectro temos radiações importantes para o nosso corpo. O azul acalma (o verde também), anemiza, desinflama, é antinevrálgico; a luz vermelha hiperemiza, excita, tendo os raios termoluminosos (lâmpada infravermelha) acção mais penetrante do que os térmicos. Muito mais importantes para o organismo são os raios ultravioletas, cujo poder químico oxidante, dissociante, ionizante, fermentativo, bactericida, esterilizante, antitóxico, estimulante do metabolismo e da pele, tónico e energético (clorofila, protoplasma), todos conhecem.

Os raios X, são visíveis para certos individuos clarividentes, têm todas as propriedades das radiações

electromagnéticas, a mesma velocidade de propagação (300.000 km. por segundo), mas de comprimento de onda muito curto, variável com a frequência de produção, de poder incomparavelmente mais penetrante (mais duro).

A energia libertada, quando um gerador influencia uma ampola de Coolidge, não é só de radiações X, mas também caloríficas e em tal grau, que torna o anticatodo incandescente. Na ampola a funcionar, os electrões libertados chocam com o anticatodo metálico. A perturbação produzida neste é que dá origem à emissão da radiação X. Estes vencem a opacidade dos objectos, tornam-nos transparentes para estes raios, impressionam chapas fotográficas, ionizam gases, tornando-os condutores, transmitem propriedades fluorescentes a certos compostos, originam raios X secundários, têm importantes propriedades biológicas (diagnose e terapia de doenças, estímulo e destruição de células e micróbios) e vantagens industriais (fotografia de fracturas de peças metálicas, de armas, de encomendas, de produtos alimentícios, de tecidos falsificados, de conchas perolíferas, de brilhantes, cristais e pinturas, cujas tintas recentes deixam atravessar os raios X, em vez de os reter, como sucede com tintas antigamente empregadas. Tôdas as radiações electromagnéticas se nos apresentam como vibrações transversais, sendo transportadas pelos tais fotões de que já falámos.

Falta mencionar as radiações gama, cuja descrição reservamos, para explicar a sua origem na ocasião da descrição pormenorizada da matéria e da transformação da matéria em energia.

¿A-final, donde provém a energia solar?

Comparemos este astro com uma bola de carvão de pedra: em 35 mil anos estaria reduzida a cinza. ¿Porque não se daria o mesmo com o Sol? Helmholtz julgou que o Sol se nutrisse de meteoritos ígneos e de poeiras cósmicas e que da contrac-

ção da massa resultasse um acréscimo de energia. Modernamente, admite-se que a rotação dos electrões periféricos liberta toda esta energia ou o próprio núcleo. Aceltando que todos os elementos são condensação do elemento mais simples, — o hidrogénio, — podia a energia solar provir da desintegração dos seus elementos e dar origem a outros mais simples, o que está de acôrdo com a abundância de hidrogénio e elementos leves no Sol. Por exemplo, da desintegração dum grama de rádio (em radon e hélio), liberta-se um milhão de calorías por ano, energia que faria ferver 10.000 m³ de água. Como consequência desta destruição, a massa solar devia diminuir. (Há quem julgue que todo o Sol era constituído por urânio).

A energia solar podia também provir da libertação de energia molecular latente que, pouco a pouco, se convertesse em energia radiante. Se aproveitássemos toda a energia atômica do carvão, em vez de, «estupidamente», o queimarmos, a energia da destruição dum só átomo faria com que um grande paquete navegasse durante dez anos, sem carburante algum. A massa de um grama, à temperatura de quasi 273 graus negativos, contém energia atômica correspondente a 22 biliões de calorías.

Ensina Arrhenius que o calor solar provém da combinação endotérmica, sob alta pressão, de matéria solar que chocou com matéria de meteoritos. Se o calor nasceu por este processo, também pelo mesmo processo será restituída ao espaço a grande energia lentamente acumulada. A-final, seria possível que todo o Sol estivesse em estado de desmaterialização progressiva, tendendo para a aniquilação da matéria, com a correspondente libertação de energia. Eddington calculou que as estrelas gigantes têm densidade muito grande, comparada com a do ar e admite que todas as estrelas estejam em estado de gás perfeito, ionizado. No interior desta massa

gasosa equilibravam-se três forças: a força elástica expansiva dos gases, de dentro para fora; a força de gravitação, de fora para dentro, tendendo a comprimir a massa interior; e a força de pressão da radiação, que tende, também, a aumentar o volume do astro. Esta força aumenta consideravelmente com a temperatura e seria capaz de levar à explosão do astro.

As temperaturas enormes a que estão os núcleos dos astros, a velocidade de oscilação dos átomos aproxima-se da da luz e não é de admirar que os átomos choquem uns com os outros, resultando destes recon-tros intrastelares e interatómicos a extraordinária energia radiante dos astros. Com tais choques, uns átomos ganham ou perdem os seus electrões, encontrando-se, portanto, no estado ionizado. Por isso, no nosso Sol, poucos elementos deve haver com os átomos completos, isto é, sem serem ionizados. O resto deve ser gás em caos. E como a maioria dos núcleos atômicos ficam nus, resulta uma diminuição de volume, proveniente da condensação, e, finalmente, aumento de densidade.

Resumindo: toda a energia, nas suas várias manifestações, seja som, luz, electricidade, magnetismo, fenómenos químicos e mecânicos, ou matéria, vem, na maior parte, do Sol. Diz Spencer: «As mudanças geológicas são o resultado do calor devido à condensação da nebulosa e que não foi dispendido. As forças manifestadas nas acções vitais, forças psíquicas e forças sociais, vêm da irradiação solar».

Já mostrámos que também há outras fontes, tais como, choques de estrelas supra-novas, etc., donde se conclui que é a energia proveniente dos astros que nos ajuda a viver, dando calor, água, ar, electricidade, fenómenos bioquímicos e alimentos.

Cada transformação de energia é acompanhada de trabalho, consumo ou absorção, embora, no fim de contas, a parcela proveniente do Sol

não seja por este recuperada. Este astro dissocia-se, pois, como toda a matéria, na Energia Potencial Universal, onde teve a sua origem (1).

Há igualmente quem admita que o Sol é frio e sólido, sendo luminoso como polo negativo electromagnético, no sistema planetário. O calor terrestre seria devido à acção dos fluidos electromagnéticos solares convertidos em calor, quando penetram na atmosfera da Terra.

Herschel até concluiu que, apesar de igneo, o Sol pode muito bem ser habitado por seres, cuja constituição seja adequada à sua elevada temperatura.

*

«A energia do Sol acabará ou não? Uma potência qualquer deve ter-lha transmitido, deve ter criado a nebulosa e o seu movimento. Dizem os rosacruzistas que o fogo nebuloso central é a primeira manifestação do fluido universal de Deus. Uma força qualquer deve ter providenciado para que a primeira energia emanada desta força divina se condensasse em matéria nas nebulosas e nos planetas. A-final, esta força divina criou a Terra e fez aumentar a sua massa à custa de energia e electricidade solar. Portanto, toda a matéria consiste em cargas eléctricas condensadas, sempre movimento vibratório emitindo energia, sendo a matéria energia armazenada, emanada de Deus.

As transformações entre as diferentes formas de energia também revelaram leis seguras e inteligentes. Sabe-se que a elevação de temperatura aumenta a energia cinética dos movimentos moleculares, cuja consequência é o afastamento crescente das moléculas, diminuindo a estabilidade da matéria, que passa sucessivamente ao estado líquido, depois a gás e ainda com maior potencial calorífico ao estado de dissociação completa.

E vice-versa: quando se arrefece suficientemente um gás, a velocidade das moléculas diminui; estas apro-

ximam-se, atraem-se, e o gás liquefaz-se.

«Será que toda a matéria foi feita por condensação de átomos distantes, de gases, que passaram primeiramente ao estado líquido? Estes gases muitíssimo rarefeitos seriam, a-final, condensações dos tais fluidos? Como é interessante o «zero absoluto», (temperatura limite de 273° negativos), em que não pode, matematicamente, existir matéria, por os seus movimentos atômicos se paralisarem! Para a Física, o frio não existe, sendo este considerado apenas como ausência de calor, porque logo que haja matéria, há espaço-tempo, movimento molecular, calor (2), isto é, logo acima do zero absoluto há emissão de radiações electromagnéticas. É este movimento que se anula a 273° negativos, perdendo-se a noção de matéria, sem extinção do movimento vibratório. Que estranha natureza! Arrefecendo um gás abaixo da sua temperatura crítica, este liquefaz-se sob pressão, quer dizer, fica mais «material» do que estava. Já se alcançou, momentaneamente, a temperatura de 272°,1 negativos, quasi o zero absoluto, em que hidrogénio e hélio são sólidos.

Parece que dum maior arrefecimento devia resultar o máximo de solidificação; matematicamente, porém, a matéria aniquila-se, se bem que se levante o problema da legitimidade da aplicação à Física de toda a conclusão matemática. Que acontece então? *Natura non facit saltus*? Quando a matéria desaparece, nasce a energia.

A matéria não pode existir sem a

(1) Em conformidade com o segundo princípio da termodinâmica, cada transformação de energia liberta calor; desta maneira, o mundo já devia ter-se extinguido por excesso de calor (entropia de Clausius), o que não aconteceu em virtude de forças antagónicas compensadoras.

(2) Em harmonia com a lei dos contrastes, não se pode conceber calor sem haver, simultaneamente, frio.

energia, nem a energia sem a matéria.

Todo este pseudo dualismo de matéria e energia há de ser pôsto de parte. Nem sempre se pode distinguir matéria de energia. Os electrões, por exemplo, não são matéria, nem são energia: são uma forma transitória entre ambas. Os raios *alfa* estão mais próximos da matéria; os raios *gama* estão mais próximos da energia.

Muito interessantes, neste sentido, são as concepções de Bozzano, que nos ensina, pela fotografia do pensamento, pela ideoplastia e materialização da força pensante, que a idéia não é atributo da matéria; pelo contrário, modela-a e organiza-a. Todo o complexo celular do corpo seria um produto-retrato ideoplástico do dinamo-psiquismo, necessitando o espírito da matéria, como instrumento transmissor para exercer a sua acção. Bozzano conclui que talvez os objectos não sejam reais, mas simples formas-pensamentos, cessando estas criações mentais, logo que termine, por um só instante que seja, a acção constante do pensamento criador que as alimenta.

Como a força actuante nas manifestações mediúnicas pode provir da vontade subconsciente do médium, as nebulosas devem provir da vontade ideoplástica de Deus. Assim, todo o Universo poderia ser um sonho, uma grande fantasia divina e apenas existir como forma-pensamento. Sendo tudo derivado do pensamento de Deus, o cérebro humano se-lo-ia igualmente, podendo ser considerado como uma objectivação do dinamo-psiquismo, e, conseqüentemente, deveria ter a faculdade de perceber as outras formas-pensamentos com todas as suas leis, porque o homem cogita. Não podemos conhecer as intenções que levaram Deus a lançar as suas impressões ao espaço, para, a-final, a humanidade sofrer, como hoje sofre. Não é lícito meditar se foi mero capricho, divertimento ou deliberação sincera, bem intencionada e santa (1).

Vimos como nascem e morrem as estrelas. Um planeta morto (2) bem conhecido é a nossa lua, desprendida do plano terrestre de maior força centrífuga, antes do resfriamento. A lua, mais pequena do que a Terra, teve de sofrer, portanto, arrefecimento rápido. Girou de tal maneira à volta da Terra, que deixou de revestir a forma esferoidal e tornou-se um globo ovóide, tendo o centro de gravidade perto da superfície inferior, devido à relativa proximidade da Terra e conseqüente concentração de massa nesta face, sempre voltada para o astro-mãe.

A lua, cuja revolução sinódica em volta da Terra se completa em cerca de 30 dias, tem um movimento de libração que permite certo balanço livre do seu eixo, em relação à órbita, de forma que podemos ver, às vezes, um pouco do hemisfério oposto, cuja zona superior contém os gases e líquidos especificamente leves, os «fluidos etéreos» e uma espécie de atmosfera susceptível de permitir a vida.

A parte inferior virada para a Terra seria morta.

Haverá vida na lua? É muito problemático, certamente.

A lua não deve ter condições de vida. Falta-lhe ar e água. Além disso, gira de forma que em cada parte da sua superfície deve haver dias e noites de duração correspondente a 14 dias. De dia e graças à pouca reflexão dos raios solares, reina ali uma temperatura de 120° negativos. Isto, num dos hemisférios, sendo no outro a temperatura de 100° negativos. A lua só reflete a luz do Sol e com intensidade 500 mil vezes menor.

Todos conhecem os *films* e romances fantásticos que tratam dos vãos à lua. É necessário uma velocidade inicial de 12 km./seg. para que o foguete possa sair da gravitação terrestre. Mas, como o homem não está adaptado para estas velocidades, a aceleração faz-se pouco a

pouco. Só ao fim de vinte minutos se alcançaria a velocidade máxima, atingindo-se a altura de 7.000 km. Claro que um avião não serve. Para a sua ascensão, o foguete requiere combustível. Segundo os cálculos, eram precisas 100 mil toneladas de combustível para afastar da Terra uma só tonelada do peso do foguete, ou 7,5 milhões de quilos de pólvora. Um transporte impossível. Então, como combustível, experimentou-se o hidrogénio, reunido ao oxigénio numa câmara especial, que resistisse à fusão. Mas, mesmo assim, eram precisas muitas toneladas de hidrogénio.

Várias outras experiências, — por exemplo a da pressão da radiação solar, a energia eléctrica e radioactiva, — só permitiram o voo até à estratosfera. ¿E como resolver o problema de regular a velocidade do foguete? ¿Como evitar o atrito que podia causar a inflamação do combustível? ¿Como dirigi-lo, de modo que se evitasse o choque? ¿E como voltar depois? ¿E como, levando observadores vivos, se toleraria o frio do espaço, se agüentaria o choque da partida e a sensação terrível de cair no vácuo?

Os últimos planetas expelidos, portanto os mais novos e mais pro-

(1) A lua, considerada pela teosofia como planeta físico da 3.ª cadeia, ainda não está desintegrada, como se acontecer ao fim duma cadeia, e ainda possui vida (basta que gire e tenha poder atractivo): a sua matéria há de constituir o globo físico da 5.ª cadeia do nosso sistema de evolução.

(2) Não somos partidários da concepção antropomórfica de Deus, visto que não se harmoniza com a nossa lógica ver em Deus o criador do universo. Admitimo-lo existente desde sempre como Realidade Absoluta, a que então podem chamar Deus: podendo parecer que, freqüentemente, fazemos mixelândia, quando, por exemplo, falamos «dum Deus que emana» etc. É, porém, intencionalmente e por razões morais que assim continuaremos a escrever. Finalmente, pouco importa a definição de Deus, desde que se aceite causalidade e finalidade absoluta.

ximos do Sol, são Mercúrio e Vénus, chamados inferiores na Astrologia, sendo também os mais próximos da Terra, seguidos por Marte, Asteróides, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e outros recentemente descobertos, como Plutão.

Urano, com os seus três anéis, todos com diferentes velocidades de rotação, porque em diferentes graus de condensação, mostra-nos ainda bem como os planetas nasceram das esferas equatoriais das nebulosas. Em todas as religiões se fala apenas dos sete planetas, sete génios, sete espíritos diante do trono, etc. Apoiado numa chamada lei de Bode, que compara as distâncias dos planetas entre si e o Sol, verificamos que Neptuno não a satisfaz, por isso que a Astrologia actual ainda pouco se preocupa com êle, embora a futura tenha de contar com este planeta para os seus horóscopos.

Todos estes planetas giram em volta do Sol, no sentido levógiro, ou directo (ao contrário do movimento dos ponteiros do relógio) ⁽¹⁾; os mais pequenos e mais próximos do Sol, já solidificados, mais maciços, descrevem órbitas mais pequenas, tendo poucos satélites. Todos os planetas têm os seus eixos de rotação inclinados sobre o plano das suas órbitas, sendo estas pouco oblíquas em relação à nossa eclíptica (desvio máximo, 8°).

O eixo de Neptuno é o mais inclinado, mostrando-nos, por isso, sempre, o seu polo Norte; o de Júpiter é quase perpendicular. As zonas em que os planetas nos aparecem em volta da nossa eclíptica, chamam-se zodiacos, caracterizados pelas doze constelações: Aries, Touro, Gémeos, Cancer, Lião, Virgem, Balança, Escorpião, Capricórnio, Aquário e Peixes. A inclinação do eixo de rotação, cujo ângulo varia 50" por século, deve-se ao facto, segundo o qual o nosso polo Norte foi outrora polo Sul, modificação que levou uns 2,5 milhões de anos e que explica os restos de flora e fauna encontrados no subsolo dos polos gelados, bem como as modificações

Bibliografia

por J. D. S.

O CHANCELER DE FERRO, de J. W. Rochester, romance mediúnico, recebido pela médium W. Krijanowski. Livraria da Federação E. Brasileira. 1941. 466 pag.

Este romance pertence à trilogia «O Chanceler de Ferro», «Herculanum» e «A Vingança do Judeu». O espírito do Conde J. W. Rochester ditou-o com o fim de dar a conhecer o panorama social do Antigo Egipto, nos tempos faraónicos. De facto, podemos dizer que este livro empolgante e fértil em imprevistos é um verdadeiro capítulo da grande história das almas que, através dos séculos, vão descrevendo a sua trajectória. Uma vez iniciada a leitura já se não abandona mais, tal o interesse da narrativa, cada vez mais sugestiva e atraente, até à última linha, em que se cantam hosiânas ao Egipto libertado do jugo estrangeiro, que tantas dores e agonias lentas provocara.

«Herculanum» é o dealbar do Cristianismo em luta com o poder da Roma dos césores. Romance igualmente belo e cujas personagens vêm do Egipto para se afirmar numa civilização diferente, prestes a sossobrar em ondas de dissolução moral.

«A Vingança do Judeu», finalmente, é a coroa de glória, a chave de ouro desta sublime trilogia literária. O leitor é prêso de constante vibração espiritual, dir-se-ia viver intensamente as cenas descritas, cheias de colorido e demonstrativas do orgulho duma raça que a fatalidade histórica tem enchido de vexames e perseguições.

climatéricas da Terra. As distâncias médias dos planetas ao Sol são: Mercúrio, 58 milhões de km.; Vénus, 107; Marte, 227; Júpiter, 777; Saturno, 1.425; Urano, 2.867; Neptuno, 4.492; Plutão, 9.015.

⁽¹⁾ Einstein explica a gravitação e, portanto, a rotação dos planetas, pela deformação do *continuum* — espaço-tempo — na proximidade duma massa material (espaço geométrico curvo). O átomo seria como que um ponto singular do espaço-tempo.

Ler estes livros é preparar a inteligência para as grandes Verdades Reveladas que o Espiritismo espalha em todo o mundo.

STELLA, romance de Camille Flammarion. Livraria da Federação E. Brasileira. — 1941 — 340 pag.

O nome de Flammarion é suficiente para recomendar este romance, verdadeiro romance de amor puro, em que a mulher é exaltada, através de páginas soberbas que nos enchem de delícias espirituais. «Stela» (Estela) é uma aristocrata que abandonou o seu meio, cheio de engano e corrupção, e despertou para a Verdade que zomba dos preconceitos e prepara as almas para novos rumos, dando-lhes uma existência suave, alheia a sentimentos impuros, subordinada às mais elevadas directrizes.

Ao mesmo tempo, Flammarion polvilhou as páginas deste livro com vulgarização astronómica interessante, como tem feito em muitas outras obras de real merecimento.

SONHOS ESTELARES, por Camille Flammarion. Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 274 pag.

Mais uma obra do genial «poeta do céu», como lhe chamou Michelet, o historiador de Joana d'Arc. Sim, mais uma obra, um precioso escrínio de quadros maravilhosos, que tão alto guindam a ciência astronómica e a maleabilidade literária de Camille Flammarion. Ler estas páginas, não é só adquirir conhecimentos, mas também recrear o espírito ávido de sensações novas e avaliar a grandeza infinita do infinito Criador dos Mundos. Nenhum livro nos dá mais exacta noção da nossa pequenez e inferioridade, em comparação com o majestoso desfilar dos sistemas planetários, ante a nossa visão estreitada.

Obra de alto conceito, destinada a vasta difusão, «Sonhos Estelares» termina com uma conferência do matemático Newcombe, director do Observatório Naval dos Estados Unidos, acerca de «A Filosofia do hiper-espaço e a quarta dimensão», que de-certo interessará a muitos estudiosos.

O SEXTO SENTIDO

por Manuel Cavares

Entre a vida terrena e a espiritual, há uma enorme diferença resultante de dois mundos diametralmente opostos, mas que, ao mesmo tempo, demonstra como tudo no Universo é relativo.

Na vida terrena, os nossos sentidos físicos obedecem a leis físicas que regem o mundo material. Assim, a vista e o tacto não podem atravessar a matéria confinada nas suas três dimensões e o ouvido só é impressionado pelas ondas sonoras que atravessam a atmosfera. São órgãos constituídos especialmente para um mundo material, como os órgãos dos peixes são próprios da vida aquática e os órgãos locomotores das aves o são para vôos atmosféricos.

Todavia, as sensações visuais, tácteis e auditivas, não estão propriamente nos olhos, nos dedos e nos ouvidos (1), mas no cérebro, para onde são transmitidas por meio da rede de nervos espalhados por todo o corpo, tal como uma central telefónica ou telegráfica, ligada a todo o país por meio da sua rede. Por seu turno, a alma, o nosso Eu psíquico, recebe essas sensações coadas pelo cérebro e dá-lhes uma realidade tão relativa, quão relativo fôr o estado da sua evolução.

A alma é, pois, o centro principal de todas as sensações e estas seriam em maior número e mais diversas, se, em vez de cinco sentidos, o corpo humano possuísse mais um — o sexto sentido — que lhe proporcionasse a faculdade de poder, com a vista — que neste caso seria já uma vista espiritual — penetrar a matéria, perceber os fluidos, tomar conhecimento com o mundo invisível e comunicar com os encarnados e desencarnados, por meio da transmissão do pensamento.

O órgão dêsse sentido existe no corpo humano. Será um órgão em-

brionário e, duma maneira geral, tendo talvez afinidades com a evolução psíquica; mas, de facto, existe. Se assim não fôsse, não seria possível a mortal algum possuir aquelas faculdades e está provado que há e tem havido pessoas que as possuem — às quais se deu o nome de médiuns e iluminados — embora essas faculdades sejam restritas, dependam dum meio especial e pareçam estar subordinadas a um comando superior que as limita e dirige. Não são, portanto, faculdades independentes, absolutas; e a razão é simples, como simples é o facto de só muito poucas pessoas as possuírem.

Se êsse sexto sentido fôsse geral, como são os outros cinco, isso produziria no mundo, no estado actual da nossa civilização, uma revolução tal, que inverteria a ordem social, lançando a confusão nas almas e prejudicando a nossa evolução moral. Estamos ainda muito atrasados e somos ainda indignos de tal mercê. É por êsse motivo que, até nas raras pessoas a quem foi concedida, ela está subordinada a vários factores, dos quais o principal é a direcção superior e invisível a que está sujeita.

* * *

Na vida espiritual não há sentidos especiais. O espírito, livre das peias materiais, possui então em maior grau todas as faculdades sensoriais que o cérebro humano transmitia ao espírito quando encarnado, além das que lhe são próprias, em relação ao meio fluidico em que vive.

Encontrando-se o espírito envolvido pelo seu corpo fluidico e achando-se num plano onde todas as coisas que o cercam são tão fluidicas como o seu próprio corpo, é natural

que, devido à relatividade do meio, o seu corpo pareça tão material aos espíritos perturbados ou inferiores que nele habitam, como o era quando encarnados. Até mesmo aos espíritos lúcidos de categoria menos que inferior, essa ilusão deva ser ainda por muito tempo bastante real, ao ponto de julgarem ver pelos olhos, ouvir pelos ouvidos, tactear pelos dedos, falar pela bôca e cheirar pelo nariz, quando a-final tôdas essas sensações estão apenas localizadas no espírito, que as traduz livremente e sem auxílio de qualquer órgão intermediário.

É na situação de espírito livre que o sexto sentido, ou, por outra, o sentido que nos falta se manifesta em toda a sua pujança.

Ele já não é, propriamente, um sentido, mas uma faculdade espiritual que permite ao espírito comunicar-se pelo pensamento, atravessar corpos opacos, ver através da matéria, transportar-se com a velocidade do pensamento, perder a noção de tempo e espaço, e, sendo superior, assistir a um eterno presente, com o desaparecimento do passado e do futuro, numa manifestação maravilhosa do poder onnipotente de Deus e da Sua infinita misericórdia para com os espíritos que souberem vencer as provas rudes, colocando acima de todos os interesses materiais e egoísticos o princípio espiritual e divino que dá a vida ao Universo.

Esta última faculdade é a resultante de um trabalho árduo e laborioso que deu ao espírito uma evolução tal, que lhe alargou os seus horizontes espirituais, assim como a um viajante terreno que, depois de ven-

(1) Verifica-se êsse facto no estado cataleptico com exteriorização da sensibilidade.

Notas & Comentários

No limiar do terceiro ano

Ao entrar em novo ano de pugnas doutrinárias, Estudos Psíquicos saúda, jubilosamente, toda a família espírita portuguesa, especializando colaboradores e leitores, a quem envolve num grande abraço de reconhecimento. Não esquece, também, toda a imprensa, portuguesa, brasileira e estrangeira, que tem propagado a Doutrina ou veiculado algumas notícias do movimento espírita mundial.

Dois anos decorreram cheios de expectativa e de ansiedade, durante os quais tivemos de lutar valorosamente, terçando armas leais e procurando atrair valores positivos que em grande parte concorreram para cimentar os alicerces desta obra, que há de manter-se, custe o custar, em holocausto às Verdades Eternas que propagamos.

Embora não conseguíssemos atingir os objectivos colimados, mercê de múltiplos obstáculos que surgiam a cada passo, pondo à prova a nossa tenacidade e espírito de sacrifício; embora tivéssemos que des-

pende grande parte de energia na resolução de questões inglórias, para que fomos impelidos, bem contra vontade; embora houvéssimos sido obrigados a aparar sérios golpes, dirigidos à acção que permanentemente desenvolvemos, a fim de obter triunfos para a Causa, estamos certos de que o nosso trabalho não foi em vão e que dele resultaram evidentes benefícios.

Felizmente, estamos imunizados contra calúnias, intrigas e vitupérios, por mais venenosos que sejam os seus germes. Por outro lado, não ignoramos que as grandes causas só triunfarão, quando os adeptos forem dignos delas. Eis, porque, nesta trincheira, todos se esforçam por evoluir e bem cumprir, sem temer que os apontem a dedo, como fauna digna de manicómio. E suportaremos alegremente todos os vexames que nos impuserem, desde que a nossa oblação enalteça o Ideal que servimos abnegadamente.

Continuaremos, pois, a trabalhar no sector que tomámos à nossa conta, sem pruridos de orientadores, nem veleidades impróprias de quem

conhece bem o limite das suas faculdades e a resistência das suas forças.

Estudos Psíquicos passou momentos difíceis, quasi angustiosos; mas conheceu, também, a dedicação de amigos sinceros que, a par do óbolo material, lhe trouxeram colaboração espontânea e novos assinantes que substituíram alguns de menos fê que pecúnia. E assim como soubemos resistir ao desalento, quando o ânimo parecia extinguir-se, soubemos, igualmente, gozar os instantes felizes, verdadeiramente compensadores.

Cientes de que sem esforço nada se consegue de duradouro, aqui estaremos de guarda ao baluarte, prontos à defesa enérgica, mas cristã, sempre que inimigos ou adversários desleais o distingam com seus ataques preconcebidos.

O programa não foi modificado. Continuamos a pensar, como no dia em que o primeiro número visitou. Nervosamente, o leitor amigo.

O primeiro volume desta obra chegou ao seu termo normal. O segundo volume vai começar, com a

cer todos os obstáculos que encontra na ascensão de uma montanha, vê alargar o seu horizonte visual ao achar-se na máxima altitude. As restantes faculdades, a-pesar-de gerais, são, porém, limitadas, como é natural, para os espíritos inferiores, que as possuem em maior grau, à medida que vão evoluindo.

Na vida espiritual produz-se também um fenómeno interessante: é o poder que a vontade possui de plasmar imagens formadas pelo pensamento consciente ou inconsciente, do que resulta tornar-se mais forte a ilusão dos espíritos inferiores ou pouco cultos, ao irradiar o seu pen-

samento. Essas imagens têm vida mais ou menos prolongada, segundo a intensidade do pensamento que as originou. Porém, quando elas são produto de pensamento elevado e forte de uma entidade superior, existirão enquanto durar a necessidade da sua existência, tanto na parte respeitante às necessidades sociais, — chamemos-lhes assim — dos vários agrupamentos de espíritos, como às do seu progresso espiritual.

É uma verdade incontestável que o pensamento tem forma e côr, até mesmo quando promana dum espírito encarnado; mas, como é fluídico, é para nós invisível.

Contudo, a sua existência mais ou menos prolongada e a sua forma mais ou menos compacta, surtem os seus efeitos, segundo a intenção de quem a plasmou.

Por estas singelas palavras, vemos que o mundo terreno e o mundo espiritual são, entre si, mundos diametralmente opostos, mas cujos extremos se tocam, tornando-se um a continuação do outro. Se, porém, os analisarmos no ponto de vista da sua relatividade própria, observamos neles uma certa analogia que os torna quasi semelhantes.

Assim, terminamos como começamos: tudo no Universo é relativo.

mesma elevação mental e espiritual, com o fim exclusivo de exercer propaganda criteriosa, demonstrando que o Espiritismo deve ser estudado, antes de ser criticado.

Temos esperança no ciclo que se abre diante de nós, como grande incógnita que se irá desvendando, à medida que a ampulheta do tempo esgotar a provisão dos dias.

E sem louvores nem subserviências, visto que tudo se faz em nome da Causa, diremos a uns e outros, homens sadios e de boa vontade:

— Amigos, novo ano principia! O Ideal exige mais trabalho, mais dedicação, mais sacrifício! Há por aí quem queira acompanhar-nos na faina proveitosa de trazer algumas ovelhas ao aprisco?

«Quem tem ouvidos de ouvir, ouça!»

O legado de Firmino da Assunção Teixeira

Em 1 de Junho de 1932, Firmino da Assunção Teixeira fez o seu testamento no notariado de Emídio Pereira dos Santos, Póvoa do Varzim, do qual testamento extraímos os seguintes parágrafos:

— Lega à Federação Espirita Portuguesa, com sede em Lisboa, provisoriamente na Costa do Castelo, 68, 1.º, vinte por cento do remanescente da sua herança, cuja importância servirá para ajudar a construção da sua sede em Lisboa e para fundo de propaganda espirita; — Lega mais à Federação vinte por cento do remanescente da sua herança, à qual faz incumbência de guardar esta importância com o fim exclusivo (o sublinhado é nosso) para, de futuro, a Federação socorrer os centros espiritas legalmente constituídos em Portugal e Ilhas, dando preferência aos centros que mais trabalhem na propaganda espirita em Portugal.

A primeira parte do legado foi gasta na construção da sede própria, sita à Rua da Palma, cujas despesas

ultrapassaram em muito o orçamento feito.

A segunda parte ficou à disposição dos centros espiritas, alguns dos quais chegaram a receber o que de direito lhes pertencia. Mas esta situação caducou em 1937, porque os actuais dirigentes da Federação utilizaram o legado no pagamento das dívidas existentes, nunca mais se importando com os legítimos direitos dos centros, a-pesar destes haverem diligenciado pela resolução do assunto.

Nós concordámos com a utilização do legado no pagamento de dívidas a credores impertinentes, certos de que não havia, então, outro meio de sair do abismo que se escancarava; contudo, que os centros não fôsem prejudicados, isto é, que as primeiras receitas do arrendamento do prédio da Rua da Palma, hoje transformado em cinema, fôsem destinadas a saldar os compromissos para com os mesmos centros e a reconstituir o legado.

Os centros, porém, deviam ter sido consultados. Cremos que nenhum deles se oporia, visto tratar-se de salvar a Federação, em péssimas condições económicas. Pois, não só não foram consultados, como nunca mais obtiveram resposta a perguntas feitas acerca do legado. Quem vai à Federação, só traz evasivas, indecisões, paliativos, dignos de quem se quer furtar a cumprir a lei.

¿Está a Federação a reconstituir o legado? Eis uma coisa que ninguém sabe, que ninguém pode saber, além duns tantos felizardos que devem viver no segrêdo dos deuses. E dizemos que ninguém sabe, porque os dirigentes da Federação não apresentam contas há muitos anos. Podem, querem e mandam. São olímpicos, voluntariosos, absolutos, quando, a-final, a Doutrina manda ser correcto e tolerante, dentro da dignidade individual que se deve manter. Mas dignidade individual não é desprezo pelos direitos alheios.

O Centro Espiritualista Luz e Amor é um dos que se julgam com direito ao rendimento do legado. A

sua obra de constante propaganda está à vista de todos. Pobre, sem recursos que lhe garantam desafogada existência, mesmo assim trabalha para que a palavra falada e escrita seja dinamizada com o maior vigor e para que os desenganados da medicina obtenham o alívio necessário às suas enfermidades.

Pouco nos interessa que certas pessoas não dêem ou não queiram dar pela nossa existência; o que, realmente, nos preocupa é o fortalecimento da Causa, que para outra coisa não vivemos. Pela Causa, tudo esquecemos e perdoamos, desde que haja provas de sinceridade, desde que haja intuições de verdadeira colaboração.

A Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas queixa-se, mais uma vez, de que os actuais dirigentes da Federação não satisfazem os seus constantes rogos a respeito do legado e acrescenta que não deseja levantar questões judiciais com aqueles confrades, visto que os homens passam e darão contas a um tribunal supremo, a que todos estão subordinados.

Apreciando tão belos sentimentos, seja-nos, porém, lícito dizer que temos de pugnar pelos nossos direitos, até à sua cabal satisfação.

Sejamos tolerantes, mas sejamos também dignos de nós próprios e de quem pôs à nossa disposição um meio de propaganda que outros pretendem destruir em proveito de desígnios, por enquanto ignorados.

O homem julga que manda, mas, ao contrário, nada mais faz que obedecer, submetido pelo instinto à vontade da lei. Instituições, leis, tôdas as manifestações sociais são forma e não substância, são a veste exterior de forças biológicas. Os verdadeiros responsáveis, mais ou menos iludidos ou guiados, são os puros, que suportam o peso da própria involução. Os chefes são simples transmissores de ordens que não seriam compreendidas, nem obedecidas, se não viessem dum comando mais profundo, que a todos domina.

De «A Grande Síntese»

Por esse mundo...

— O Dr. Ildefonso da Silva Dias assumiu a direcção de *A Reincarnação*, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, ao qual já vinha, há muito tempo, prestando os seus serviços.

— O Asilo «Esperança» e a Sociedade Espirita «Bezerra de Menezes» estão a distribuir uma série de biografias ilustradas, relativas a Paulo, Apóstolo, Vicente de Paulo, Bezerra de Menezes, Cairbar Schutel, etc. Bela propaganda.

— O nosso amigo Dr. Francisco Klörs Werneck está a traduzir a obra do Dr. Carl A. Wicland. «Trinta anos entre os mortos» e a publicá-la na *Revista Internacional do Espiritismo*, do Brasil.

— Na cidade brasileira de Franca, S. Paulo, acaba de instalar-se a Casa de Saúde Allan Kardec, organização apreciabilíssima que reflete a acção dos confrades que ali trabalham, cheios de fé e de entusiasmo. Consta de três majestosos pavilhões de dois andares, com instalações confortáveis para 200 internados, além de pavilhões especiais para outros serviços.

A assistência médica está entregue aos Drs. J. Matias Vieira e Tomás Novelino e a parte espiritual é dirigida pelo Centro Espirita Esperança e Fé.

A Casa de Saúde Allan Kardec é um verdadeiro património que muito honra o Espiritismo no Brasil.

— O Grupo Espirita Pedro de Macaé, Brasil, tem obtido interessantes fenómenos de *transporte, materialização e moldagens em parafina*.

— A Liga Espirita do Brasil com-

põe-se, actualmente, de 85 associações, sendo 68 no Distrito Federal e 17 no interior. Mantém 5 escolas primárias, com cerca de 400 alunos e um Ambulatório Médico que, no último ano, acusou o seguinte movimento: Pessoas atendidas: 18.637; curativos ginecológicos, 781; intervenções cirúrgicas, 97; injeções aplicadas, 6.725. Total — 26.240.

A mesma Liga inaugurou há pouco um Consultório Jurídico, destinado a prestar assistência judiciária às associações espíritas. É director deste Consultório o Dr. Celestino Vasques de Freitas.

— A Coligação Cristã Brasileira de Socorro às Vítimas da Guerra, realizou ultimamente, no Teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, um torneio evangélico dominical, em que se fizeram ouvir representantes de várias religiões, ventilando assuntos de natureza evangélica. No primeiro domingo de Junho passado, tomaram parte no intercâmbio o nosso redactor-correspondente Dr. Carlos Imbassaby e o nosso consócio Agostinho Pereira de Sousa, Presidente da Direcção da Associação Espirita Obreiros do Bem, que está a construir o Hospital Espirita Pedro de Alcântara, a que nos temos referido.

Este estudo comparativo é de alto interesse para os estudiosos das religiões e da filosofia.

— *Psychic News* conta o impressionante caso dum indivíduo profundamente desesperado que não queria sobreviver à esposa, vítima dum forte bombardeamento aéreo. Era tal o seu desespero, que escreveu ao *Daily Telegraph*, protestando contra os ritos e fórmulas com que a igreja anglicana acom-

panha os enterros ao cemitério. Tais fórmulas nenhum alívio lhe deram. Foi então que Maurice Barbanell, director de *Psychic News*, lhe enviou o seu livro «Eles serão consolados». E do resultado da leitura dizem-nos os seguintes parágrafos, que extraímos do artigo:

«Um dia o pobre homem foi encontrado sobre a sepultura da esposa, onde jazia atravessado e com o corpo todo molhado. Tinha ali passado a noite. Duas vezes fôra ao cemitério com um revólver no bolso...

— «Depois li o seu livro» — disse-me ele. «Li-o muitas vezes... O seu livro desembriagou-me... Agora já não quero morrer... Salvou-me a vida».

— Com grande surpresa, lemos em *Mundo Espirita* uma local, noticiando a renúncia de Leopoldo Machado ao lugar de director-presidente da Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, de que era fundador. Para o substituir, foi convidado o nosso prezado amigo e colaborador professor Ismael Gomes Braga, que aceitou o cargo.

— Desencarnou o grande pioneiro espirita Leopoldo Cirne, um dos mais activos presidentes da Federação Espirita Brasileira, cujo órgão, o «Reformador», dirigiu cerca de 18 anos. Deixou os seguintes trabalhos: «Memória Histórica do Espiritismo», «Doutrina e Prática do Espiritismo» e «O Anti-Cristo, senhor do Mundo». Há muito tempo que trabalhava numa obra de fôlego, intitulada «O Homem, colaborador de Deus», deixando inacabado o último capítulo.

— Na Índia, os médicos curadores têm feito curas verdadeiramente milagrosas, tais como asma crónica.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Experiências psíquicas na América do Norte

Segundo lemos em *Mundo Espírita*, uma das mais importantes revistas científicas norte-americanas (*The Scientific American*) empreendeu há pouco a investigação metódica dos fenómenos psíquicos, tendo acudido ao apêlo a médium Ann Ericson, a qual aceitou espontaneamente o convite da Comissão de Investigações Psíquicas, declarando não ter inconveniente em se apresentar perante os investigadores, uma vez que o ambiente fôsse satisfatório e não prejudicasse as comunicações espíritas. Acrescentou que desde muito nova possuía o dom da sensibilidade que lhe permitiu estabelecer relações com o Além.

— É necessário — escreveu ela — é necessário absoluto silêncio nas minhas sessões, para não prejudicar as correntes invisíveis que ligam o meu corpo aos corpos etéreos que me enviam as suas mensagens.

Informou também que recebera notáveis comunicações de Isabel, a última dos Tudores, que se interessa muito pelos nossos problemas, terminando por dizer que pode e quer apresentar provas concretas das suas relações com o espírito da grande rainha, diante de qualquer comissão legítima de pesquisadores da verdade que intente investigar e ver por si mesma as manifestações do espírito da rainha Isabel Tudor.

Em face das declarações da médium, a Comissão de Investigações Psíquicas procurou local adequado à comunicação com os espíritos daquela época e soube que o sr. William Randolph Hearst comprara e

levara para os Estados Unidos uma das cornijas da «Casa Velha», conhecida por «Alojamento do Rei», em Sandwich, Inglaterra, devido ao facto de Henrique VIII ali se ter alojado algumas vezes.

Estas peças de madeira datam dos tempos de Isabel e pertenciam aos aposentos da rainha, construídos em 1572.

Dunninger, que era o presidente da Comissão, viu grandes possibilidades psíquicas na habitação de Hearst, sugerindo-a imediatamente à senhora Ericson, que a aceitou, tendo os preparativos sido feitos pelo Dr. Armand Hammer, encarregado da venda da colecção Hearst.

E uma sessão se realizou, na noite de 17 de Março...

Eis o que Dunninger, velho investigador, disse nessa noite aos representantes da imprensa de Nova-York:

«O que hoje parece impossível, será amanhã coisa comum. Aqui não há preconceitos, não estamos contra, nem a favor de qualquer religião. Trata-se dum esforço científico para alcançar o fundo da alma. É uma comissão investigadora que não procede com truques e subterfúgios. O que buscamos é a verdade dos fenómenos psíquicos.

«Há fantasmas, espíritos de vampiros que vêm do outro mundo a este e acêrca dos quais nada sabemos? Em nosso esforço para encontrar os factos, sob a denominação de fenómenos espíritas, poderão ajudar-nos os médiuns que possuam faculdades que necessitamos de estudar».

Antes de apagarem as luzes, a sr.^a Ericson pediu silêncio absoluto e

disse nada poder garantir, mas que esperava comunicar com o espírito de Isabel.

Pouco depois, a médium começou a falar:

— Não percam de vista a Rússia...

Algumas pessoas declararam ter ouvido pancadinhas e estalidos na mesa, junto da qual estava a sr.^a Ericson, Dunninger, Peck, membro do Conselho Universal de Investigações Psíquicas e um membro do *Scientific American*; e, durante a experiência, Dunninger e Peck conservaram entre as suas as mãos da médium.

— Há muitos que duvidam, mas eu tenho motivos para acreditar que o meu país se salvará e que Hitler será destruído. (Devia ser, talvez, a rainha Isabel a dar a sua opinião). Chegar-se-á a uma crise, entre Abril e Maio, e esta guerra não terminará. Haverá um período de cinco anos de tormenta, de oceano a oceano, de irmão contra irmão, de nação contra nação.

A seguir, a voz da sr.^a Ericson elevou-se mais e os sons sucederam-se com mais rapidez, a-pesar da médium ter as mãos presas nas mãos dos dois investigadores citados. Subitamente, Dunninger declarou, com voz alterada:

— Há uma substância invisível nos lábios da médium. Creio ser indicação de ectoplasma. Sim, é ectoplasma. Não vêem?

Depois duma pausa, todos os olhos procuraram captar na escuridão aquêlo fenómeno psíquico.

Terminada a sessão, a sr.^a Ericson estava caída sobre a mesa. De-

ram-lhe água. Ela parecia continuar em transe.

Todos notaram a demonstração ectoplásmica e dois dos assistentes viram os espíritos manifestantes, que eram, segundo afirmação da médium, a rainha Isabel e o Conde de Essex.

A Comissão era composta pelas seguintes individualidades: Dunniger, presidente; Walter C. Alvarez, da Clínica dos Irmãos Mayo; Vincent Bendix, da Bendix Aviation Corporation; Thornwell Jacobes, reitor da Universidade de Oglethorne; Valdemar Kaemffert, redactor científico do *New-York Times*; Daniel Kape, advogado; Joseph H. Krauss, director do *Science Observer*; M. Luckiesh, director da General Electric; A. Paul Peck, membro do C. U. I. P.; A. D. Rathbone, secretário.

História espantosa dum manuscrito

O relato que se vai ler é o resumo dum artigo publicado na revista *Carteles*, da Havana, pelo jornalista americano e investigador de ciências psíquicas sr. Allan C. Whintropp, que se mantém neutral, quanto à apreciação dos fenómenos, visto nem ser absolutamente céptico, nem absolutamente crente na continuação da vida no Além.

Como não possuímos aquela revista, socorremo-nos da tradução feita por *Alvorada de Uma Nova Era*, de S. Paulo, que acaba de nos chegar às mãos. Eis o resumo do caso:

O sr. Whintropp previne o leitor acerca das intenções que o moveram à publicação do seu trabalho. E escreve:

— A minha única missão, como jornalista, é aproximar-me dos factos curiosos, originais, inexplicáveis, e obter os antecedentes necessários, garantindo-me contra falsidades e imposturas e, uma vez seguro de que o caso se produziu como foi divulgado, expô-lo ao leitor, a fim de que este chegue a conclusões que o satisfaçam. Os espíritos, ou, pelo

menos, aqueles que têm conhecimento profundo da matéria, verão nestes mistérios a confirmação das suas teorias. Os incrédulos, por sua vez, buscarão uma razão lógica que os esclareça.

O caso passou-se com o professor Nichola Andrey Woodright, então catedrático de filosofia positiva da Universidade de Michigan e adversário acérrimo do Espiritismo. Durante quinze anos, escreveu livros, realizou conferências, publicou monografias, com o fim de robustecer a tese materialista, chegando a manter controvérsias com outros professores que acreditavam na sobrevivência.

Em 1928, Woodright começou a escrever um livro importantíssimo, trabalhando até altas horas da noite, num pequeno escritório, anexo a copiosa biblioteca que ele enriquecia de obras inestimáveis. Ninguém podia interrompê-lo e poucas pessoas tinham permissão de o visitar. E em Fevereiro de 1930, morria subitamente dum aneurisma, deixando 27 capítulos escritos, dos 30 que deviam completar a obra ansiosamente esperada pelos seus admiradores, que eram muitos. Era tal a expectativa, que tudo se preparava para lançar a primeira edição em Junho. O que é certo é que o facto entristeceu todos os interessados, visto que os três capítulos que faltavam deviam, certamente, corresponder às conclusões finais onde se fixaria a tese do autor.

Depois de muitas deliberações, a Universidade dirigiu-se à família do professor, a fim de adquirir a obra, senão para a editar, ao menos para a utilizar no ensino.

Logo que Woodright corrigia os originais, entregava-os a sua filha Mary, de 18 anos, que os dactilografava. Depois de verificar a transcrição, destruía os originais ou guardava-os, conforme o caso.

Reconheceu-se, finalmente, que era um dos mais profundos tratados filosóficos escritos pelo ilustre catedrático.

Arquivaram-se os 27 capítulos,

tendo a família recebido dois mil dólares pelo trabalho. Mas o tempo decorria e o silêncio pairou sobre Woodright e o seu livro...

Em 1934, ingressa na Universidade um jovem californiano de 22 anos, chamado Charles Newmann, magro, pálido e de vivíssima inteligência, tendo conquistado imediatamente os primeiros lugares, principalmente em História e Sociologia.

Um dia, o professor de História dissertou e ordenou aos ouvintes que escrevessem sobre a matéria citada.

«Newmann pegou na pena — continua Whintropp — e começou a escrever com rapidez extraordinária. E quando os outros estudantes terminaram a tarefa, ainda o californiano continuava a escrever, alheio a tudo que o rodeava.

«Após duas horas de trabalho, tinha escrito umas sessenta tiras de papel; depois, com passo de automático, entregou-as ao professor e retirou-se maquinalmente.

«Quando examinou as tiras, o professor ficou surpreendido ao verificar que ali não havia nada de História. Era uma dissertação erudita acerca de filosofia positiva, escrita numa linguagem e com uma letra que não eram habituais em Newmann.

«O professor, tomado de grande perplexidade, dirigiu-se ao reitor e mostrou-lhe o monte de tiras. Este último, apenas as analisou, pôs-se em pé e declarou que aquela letra era exactamente igual à letra do defunto Woodright.

«As tiras de Newmann tinham um cabeçalho que dizia: «Capítulo 28».

«A notícia expandiu-se, como pólvora.

«Newmann foi convidado a explicar o sucedido, mas declarou que não tinha escrito aquilo e que desconhecia em absoluto a matéria ventilada.

Três dias depois, o estudante recebia o capítulo 29, sem dar razão do acontecimento e com a mesma caligrafia do capítulo 28, a qual os peritos examinaram, reconhecendo-a

como igual à letra do professor de filosofia.

Newmann ficou alarmadíssimo, com semelhantes fenómenos, de que não tinha a mínima consciência, e anunciou aos professores que abandonava aquêle estabelecimento de ensino, para evitar publicidades ruindosas. A-pesar da opposição dos catedráticos, Newmann antecipou as férias e seguiu para S. Francisco da Califórnia. Passados dezassete dias, o estudante assistia a certa representação com uma família amiga, quando foram convidados a ir à residência solarenga dum rico ex-congressista, chamado Carl V. Ingres, que acolheu gentilmente os hóspedes, oferecendo-lhes magnífico repasto, no fim do qual Newmann visitou a Biblioteca com o dono da casa. Apenas lá entrou, dirigiu-se rapidamente para a secretária e pegou numa caneta, começando a escrever febrilmente em folhas de papel que ali existiam.

Ingres não fez reparo, julgando que se tratava de simples apontamentos; e como o papel se ia esgotando, perguntou-lhe se desejava novas folhas.

Newmann não respondeu e continuou a escrever da mesma maneira.

Ingres dispunha-se a interrogar novamente o estudante, quando este, chegado ao fim da última folha, abriu sem vacilar a gaveta da extrema esquerda, onde havia muitas folhas, e tirou uma grande porção delas, como se tudo aquilo lhe fôsse familiar. Entretanto, o dono da casa retirava-se discretamente e Newmann prosseguia no seu trabalho, como nos casos anteriores.

Ingres comunicou o caso aos outros convidados, que se dirigiram à biblioteca, onde viram o seu amigo entretido na escrita automática.

Ao terminar a obra, recuperou a sua expressão habitual, parecendo conservar vaga lembrança do ocorrido.

— É curioso — disse êle aos amigos — Sinto-me como se despertasse do sono. É a primeira vez que tenho noção do que acontece...

Depois, acrescentou, pegando nas tiras de papel:

— Já terminei a obra... parece. O próprio doutor Woodright mo disse em sonho. Vi-o numa biblioteca espaçosa, com uma grande janela sobre paisagem agreste... Veio até mim dum pequeno salão, seu escritório particular; e dirigindo-se a uma estante, tirou um livro de capa dourada, detrás do qual havia tiras manuscritas, que me entregou, dizendo: «São as últimas. Copie-as. Não o incomodarei mais». Parte delas estavam destruídas pela humidade ou por qualquer líquido, motivo por que, onde não podia ler-se a escrita, o professor Woodright me ditava as palavras omitidas.

No dia seguinte, Newmann telefonou ao reitor da Universidade e contou-lhe tudo. Quando regressou a Detroit, tinham sido descobertos, na biblioteca de Woodright, os originais dos três capítulos, que estavam detrás dum livro de capa dourada... Nem o professor os tinha corrigido antes da morte, nem a própria filha dêles tinha o mínimo conhecimento.

Newmann nunca tinha visitado a casa de Woodright e ignorava a topografia da biblioteca.

E o jornalista americano termina assim o seu artigo:

«Quando as tiras de papel de Woodright foram confrontadas com as de Newmann, parte escritas na Universidade e as restantes na residência de Ingres, em S. Francisco, viu-se que eram perfeitamente iguais, com a mesma ortografia, a pontuação no mesmo lugar e feita do mesmo modo. Em nenhuma linha havia qualquer palavra a mais e os próprios traços de união e divisão das sílabas estavam exactamente nos mesmos lugares. A única diferença era que os originais encontrados na biblioteca de Woodright estavam destruídos nalguns pontos e os de Newmann incluíam as palavras que não podiam ser identificadas nos primeiros.

«Newmann nunca trabalhou como médium, nem interveio em quaisquer

experiências psíquicas ou espíritas, antes ou depois dêste curioso episódio. Após a formatura, retirou-se para a Califórnia, onde vive, afastado das práticas ocultistas.

«O livro do professor Woodright foi editado. Todos os pormenores expostos são rigorosamente exactos e comprovados.

«Agora, leitor, ¿que pensa você dêste mistério?»

Congresso espirita Pan-Americano

A Confederação Espirita Argentina dirigiu há pouco uma súplica interessante, proposta a tôdas as nações americanas, no sentido de se realizar no próximo ano um Congresso Espirita Pan-Americano em Buenos Aires. Eis a exposição dos motivos que levaram aquela operosa agremiação a tão grande empreendimento, subscritos pela Comissão pro-Congresso Pan-Americano, composta por Humberto Mariotti, Henrique L. Pérez e Naum Kreiman:

1.º — A Federação Espirita Internacional, com sede em Paris, desapareceu como instituição organizadora.

2.º — A Confederação Espirita Argentina crê do seu dever indicar ao Espiritismo americano a necessidade de criar uma Federação Espirita Americana, capaz de mobilizar o pensamento espirita em busca duma cultura espirita americana.

3.º — A América, terra virgem, será regada pelos verdadeiros ideais do espirito, para que a vida de seus povos não seja conduzida ao precipício, no instante em que se esboroa a velha cultura europeia.

4.º — Americanismo não significa separação da América do resto do mundo, não implica divisionismo internacional, cultural ou económico. Americanismo é, para nós, símbolo e fonte de inspiração duma nova cultura para toda a humanidade.

5.º — O Espiritismo é o grito de justiça e de libertação do género humano. O espirito, realidade posi-

tiva do homem e do mundo, é a força indestrutível que impulsiona a vida dos seres, que move os processos históricos, que cria a cultura, que evoluciona através de suas experiências, desde o plano das revelações humanas até às mais elevadas culminâncias, constantemente superadas pelo hálito criador e vivificante de vidas úteis e proveitosas ao gênero humano.

Este é o nosso pensamento e a nossa posição em face do mundo; e faremos os maiores esforços por esta causa no desejo de que a América cumpra o seu verdadeiro destino histórico: — terra fecunda, onde os homens realizem plenamente o conteúdo espiritual da sua vida.

6.º — Sustentar as seguintes teses, no 1.º Congresso Espirita Pan-Americano: a) Os valores da Filosofia Espirita; b) A Filosofia Espirita e a Ciência; c) A Filosofia Espirita e a Moral; d) Sociologia Espirita; e) Criação duma Federação Espirita Americana; f) Organização do movimento espirita.

Esta exposição foi seguida da proposta a que aludimos, concebida nos seguintes termos:

Art. 1.º — Organizar o 1.º Congresso Espirita Pan-Americano na República Argentina, Buenos Aires, durante o mês de Maio de 1942.

Art. 2.º — Participarão no referido Congresso todas as federações e sociedades, bem como todos os espiritas em geral dos países das três Américas: América do Norte, América Central e América do Sul.

Art. 3.º — Sustentar as seguintes teses no Congresso (são as seis teses acima referidas).

Art. 4.º — Poderão fazer-se, igualmente, declarações de carácter geral, relacionadas, com o Espiritismo.

Art. 5.º — Cada Delegação ou representante proporá os meios mais variáveis e eficientes para desenvolver o mais possível a propaganda.

Art. 6.º — Propor-se-á a realização do 2.º Congresso Espirita Pan-Americano para o ano de 1946 e

que tenha lugar na América Central, em lugar e data que os representantes dessa América acharem mais convenientes.

Art. 7.º — Nas nações onde houver uma ou mais Federações ou Sociedades, formar-se-á uma comissão especial encarregada da organização e preparativos dos Congressos.

Art. 8.º — Dar conta ao IV Congresso Espirita Argentino, a realizar no corrente ano, acerca das sugestões e proposições realizadas a respeito deste Congresso, bem como dar aos simpatizantes oportunidade de apresentarem novas idéias.

Art. 9.º — Logo que se conte com o assentimento de regular número de Federações e Sociedades das três Américas para realizar o Congresso, organizar-se-á uma subscrição inter-americana para enfrentar as despesas de Secretaria e Propaganda que esse acto exigir.

Tudo o que se fizer para a realização de tão importante Congresso será louvável e merecerá o apoio dos espiritas de todo o mundo. Pela nossa parte, faremos o que pudermos, no sentido de tornar conhecido este empreendimento.

A velha Europa encontra-se doente e não tem força para reagir contra o esterquilínio deletério que se opõe à germinação de idéias de paz. Temos que olhar para outro hemisfério, já que este não responde aos nossos anseios espirituais. Tem a palavra o continente americano, terra de liberdade bem compreendida, onde o Espiritismo lançou raízes fortes e está causando a admiração do mundo. Que sejam felizes na empresa. Nós estaremos vigilantes e saberemos repetir o eco dos seus triunfos.

Se o espaço infinito nos deslumbra por sua imensidade sem limites, a eternidade sem começo e sem fim ergue-se, talvez ainda mais formidável, diante da nossa contemplação terrificada. As vozes do passado falam-nos do fundo do abismo; falam-nos do futuro.

Camille Flammarion

AS TAXAS POSTAIS

Quási toda a imprensa portuguesa se tem referido à última remodelação das taxas postais, tendo a «Gazeta do Sul» desempenhado interessante papel nas reclamações contra as taxas de cobrança, que são absolutamente proibitivas.

«Estudos Psíquicos», que luta com dificuldades para se manter, não pode efectuar cobranças por intermédio dos correios, sob pena de sosobrar irremediavelmente. Nesta conformidade, apelamos para a dedicação dos nossos assinantes, que muito nos obsequiarão, enviando-nos directamente a importância das assinaturas, cuja recepção acusaremos por meio de postal e da revista, onde passaremos a responder, em nova secção, que em breve será inaugurada.

Igual pedido fazemos aos sócios do Centro que residem na província, alguns dos quais já nos enviaram as suas cotizações até o fim do ano corrente, gentileza que muito agradecemos.

NÚMEROS ESGOTADOS

Estão esgotados os números 1, 3 e 6 desta revista. Havendo alguns assinantes que desejam completar as suas colecções com aquêles números, agradeceríamos que os não-coleccionadores no-los enviassem, a trôco de importância a estabelecer, conforme o seu estado de conservação.

Noticiário

Jornais e revistas

Recebemos a visita das seguintes publicações: *Reformador*, *Revista Espirita do Brasil*, *Mundo Espirita*, *Alvorada duma Nova Era*, *Jornal Espirita*, *O Revelador*, *O Farol*, *Amor à Verdade*, *A Alvorada*, *Arauto da Fé*, *Aurora*, *Revista Internacional do Espiritismo*, *Estrêla do Bem*, *A Reincarnação*, *Conquista Espirita*, *O Espiritualista* (atrazado), *Ro-sendo*, *Cristianismo*, *En la senda de Jesus*, *Boletín de la Asociacion Estudiosa Camilo Flammarion*, *La Idea* e *Psychic News*, tôdas do estrangeiro.

Também recebemos os nossos colegas portugueses: *Além*, *Luz e Caridade*, *A Rosa Cruz*, *Osiris*, *Região de Leiria*, *Gazeta do Sul* e *Comércio de Leixões*.

A todos, os nossos cumprimentos.

Jantar de homenagem ao director do «Além»

Segundo relataram os diários portugueses, a Sociedade de Investigações Psíquicas daquela cidade ofereceu em 15 de Outubro corrente um jantar de homenagem ao nosso confrade e velho amigo Manuel Ca-

anemia perniciosa, como se demonstra num folheto dedicado ao grande pioneiro espirita hindu V. D. Rishi, em homenagem ao seu espírito organizador, por ter fundado e mantido o Centro Espiritual de Curas, em Combatore, no sul da Índia.

— O médium inglês W. T. Parish realizou há pouco uma cura extraordinária, a-pesar da lei ultimamente aprovada na Câmara dos Comuns, proibindo aos médiuns o exercício das suas faculdades. Pois W. T. Parish salvou uma mulher desenganada pelos médicos e que aguardava o momento de morrer, vitimada pelo cancro. No próximo número, falaremos do caso na «Crónica Estrangeira».

vaco, a quem nos prendem laços de verdadeira afinidade espiritual.

Presidiu o Dr. António J. Freire e assistiram mais de cinquenta pessoas, representantes dos meios cultos, nos quais o homenageado conta sólidas dedicações. Estavam presentes redactores do *Comércio do Porto*, do *Primeiro de Janeiro* e do *Jornal de Notícias* e falaram muitos oradores, enaltecendo as qualidades morais dum homem de extraordinário dinamismo que põe acima de tudo o amor à Causa, defendendo o Ideal Espirita com toda a força do seu entusiasmo.

Estudos Psíquicos associa-se à justíssima homenagem, enviando ao seu amigo um grande abraço de estima, portador da nossa admiração e solidariedade.

Que êle continui por muito anos à frente do *Além*, que soube manter com o seu talento e contínua dedicação, são os nossos votos mais sinceros.

As nossas conferências

No dia 19 de Outubro, foi inaugurado o novo ciclo de conferências, na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, tendo o nosso prezado colaborador sr. Coronel Faure da Rosa deliciado os ouvintes com uma bela exposição, intitulada «O homem que dormiu cinquenta anos», extraída duma novela de Richet, na qual se estudam os contrastes entre duas civilizações.

A sugestão do tema e a maneira elegante como o orador fez a leitura do seu trabalho, calaram no ânimo da assistência, que premiou o conferente com uma carinhosa salva de palmas.

Nova colaboradora

Com o artigo «A Verdade Surge», inicia hoje a sua colaboração em *Estudos Psíquicos* uma nossa irmã em crenças, dotada dum grande discernimento e rara elegância mental. Que seja benvinda! Que continui a trazer-nos o seu quinhão de verdade, nesta santa cruzada de espalhar o Espiritismo filosófico, moral e científico! Estas colunas humildes e simples muito se honram com a sua presença, com a disposição de

quem deseja dar à Causa os anelos do seu coração e os vôos da sua inteligência.

Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo* tem transcrito várias nótulas da nossa «Crónica Estrangeira», entre elas, «Meu filho está salvo» e «Fenômenos Psíquicos no momento da Morte». O *Revelador* transcreveu igualmente, o artigo do nosso colaborador Dr. A. Dias Pratas, intitulado «Considerações sobre o perispírito».

«Em legítima defesa...»

«Em legítima defesa (Carta-Aberta ao sr. Carlos José da Costa Carinha, vice-presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa)»

Sob êste título e sub-título aparecerá brevemente um folheto da autoria do nosso colaborador, sr. Dr. António J. Freire.

A edição é do autor, sendo o produto da venda repartido em partes iguais pelas caixas de beneficência da Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas e do Centro Espiritualista Luz e Amor. O preço é de 1\$00 (um escudo), incluindo o porte do correio.

Na redacção desta revista, aceitam-se pedidos, acompanhados da respectiva importância.

Grupo Espirita Humildade

Acabamos de receber uma carta do nosso confrade de Aveiro, sr. Eduardo de Pinho das Neves, comunicando-nos que a maioria dos componentes da fracção que constituía o Grupo n.º 2 (Grupo Curador) do Grupo Paz e Caridade, de Aveiro, inaugurou em 6 de Outubro corrente um novo Grupo, intitulado *Grupo Espirita Humildade*, com sede na rua João Mendonça, 5, e do qual fazem parte os seguintes confrades:

D. Leontina Cabral Hogan (Léo);
Garibaldi Ferreira Neves
João Calixto
João Simões Neto
António de Oliveira
José Pereira da Silva
Eduardo de Pinho das Neves.

Tôda a correspondência deve ser dirigida para a Rua João Mendonça, 5, Aveiro.

Por intermédio desta revista, saúda o novo Grupo tôda a família espiritista portuguesa.

Pela nossa parte, agradecemos as saudações, fazendo votos para que o novo agrupamento, tão gentilmente distinguido por uma brilhante colaboradora de *Estudos Psíquicos*, continue a dignificar a Doutrina, chamando a atenção do público para as suas curas.

Estas colunas estarão sempre ao dispor destes humildes obreiros e de todos quantos trabalharem desinteressadamente pelo prestígio da Causa Espirita.

Oferta de livros

Mais uma vez a Fundação Marieta Gaio, do Brasil, distinguiu o Centro Luz e Amor com uma oferta de livros, amabilidade que muito agradecemos. Aos seus dirigentes, a expressão sincera do nosso reconhecimento, por semelhante gesto vir fortalecer a vida duma agremiação que luta com dificuldade para se manter.

Os que nos deixam

No dia 14 de Outubro corrente, desencarnou em Espinho o nosso colaborador Dr. Alfredo Mota, grande amigo de *Estudos Psíquicos*. A sua acção em prol desta revista pode considerar-se verdadeiramente notável, motivo por que muito sentimos o seu passamento. Impetramos, pois, o auxílio dos nossos guias, no sentido de acompanharem aquêlê bom amigo, dando-lhe o amparo de que o seu espírito necessite, na nova jornada que empreendeu.

Aos Centros e Grupos da

Província

Como já tivemos ocasião de dizer, repetimos hoje:

— *Estudos Psíquicos* continua a ser e será porta-voz de todos os centros e grupos espiritistas que no-lo solicitem, estribados em fundamentos racionais, isto é, que pratiquem a doutrina subordinados às regras preconizadas pelos investigadores de sã critério.

Estudos Psíquicos estará sempre convosco, prezados irmãos! Veiculará as vossas aspirações, propagará os vossos alvires e relatará os vossos trabalhos. Será vosso órgão, já que nasceu para unificar tôda a família espirita, afastando e des-

truindo os germes dissolventes que provocam a sizânia. Podeis contar com o seu apóio incondicional, com o seu conselho amigo, com a sua vigilância rigorosa. Fazemos questão de auxiliar as agremiações que vivem ignoradas e quantas delas produzindo obra de grande valor».

Transcrevemos estas palavras do nosso n.º 8, que assinalou o aniversário desta revista. Como as nossas intenções se não modificaram ainda, elas estão, portanto, actualizadas e aproveitamos o ensejo para saudar efusiva e fraternalmente todos os Centros e Grupos que acorreram ao nosso seio, bem como os que desejarem ter por porta-voz uma revista como *Estudos Psíquicos*, certos de que encontrarão sempre nela o carinhoso acolhimento que se deve proporcionar a irmãos em crença, lutando por um ideal nobre e desejosos de progredir na senda de Jesus.

Auxílio aos necessitados

Aproximando-se a época do Natal e deixando nós, a exemplo dos anos anteriores, distribuir donativos pelos nossos irmãos necessitados, abrimos, desde já, a respectiva subscrição, certos de que algumas lágrimas poderemos estancar, numa quadra em que se esquecem momentaneamente as paixões e se olha com mais carinho pelo semelhante.

P. G. S. F.	10\$00
H. S. F.	5\$00
D. Maria Gonçalves Duarte Santos	10\$00
H. E. F. S. P.	5\$00
Isidoro Duarte Santos	10\$00
Manuel Tavares	5\$00
Estêvão Rodrigues	10\$00
J. Dias	5\$00
A. Diniz	5\$00
J. B. M.	5\$00
J. Vendrell	22\$50
A. L. G.	5\$00
	97\$50

Sessões de tratamento

magnético

Com uma assistência razoável e, por vezes, infelizmente super-abundante, os grupos de tratamento magnético do C. E. L. A. prosseguem com tôda a boa vontade e dentro das suas possibilidades, aliviando o sofrimento de pessoas que a eles acorrem na esperança de um alívio ou de uma cura.

Sentindo-se auxiliados pelos seus amigos do Além, êsses grupos intensificam cada vez mais os seus trabalhos numa alegre satisfação do

dever cumprido e dando de graça, o que de graça recebem. Já funcionam alguns grupos de tratamento, onde certas curas se têm operado, razão para não afrouxar no trabalho empreendido.

Grupos Familiares

A Direcção do C. E. L. A. insiste novamente com os seus associados para que formem mais grupos familiares, pois só em pequenos agrupamentos o meio será homogêneo e, portanto, propício à obtenção de boas comunicações. Prestar-se-lhes-á tôda a assistência espiritual, para que realizem cabalmente a sua missão, integrados no Centro e de acôrdo com o respectivo regulamento, que será franqueado aos seus directores.

Biblioteca

Todos os dias úteis, das 21 às 24 horas, um director de serviço receberá na sede do Centro tôdas as pessoas que desejem qualquer informação, estando à disposição dos sócios os livros da respectiva biblioteca durante êsse espaço de tempo, bem como os jornais e revistas espiritistas, nacionais e estrangeiras, endereçadas ao Centro e a *Estudos Psíquicos*. Além disso, estabelecer-se-á um serviço de leitura nos domicílios, mediante determinadas condições, constantes do Regulamento da Biblioteca, em elaboração.

Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, em Novembro e Dezembro de 1941

Dia 2 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 9 de Novembro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada «Pan-vitalismo e pan-psiquismo».
Dia 16 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 23 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 30 de Novembro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Os habitantes humanos do mundo astral».
Dia 7 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 14 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 21 de Dezembro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Os habitantes não humanos do mundo astral».
Dia 28 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.